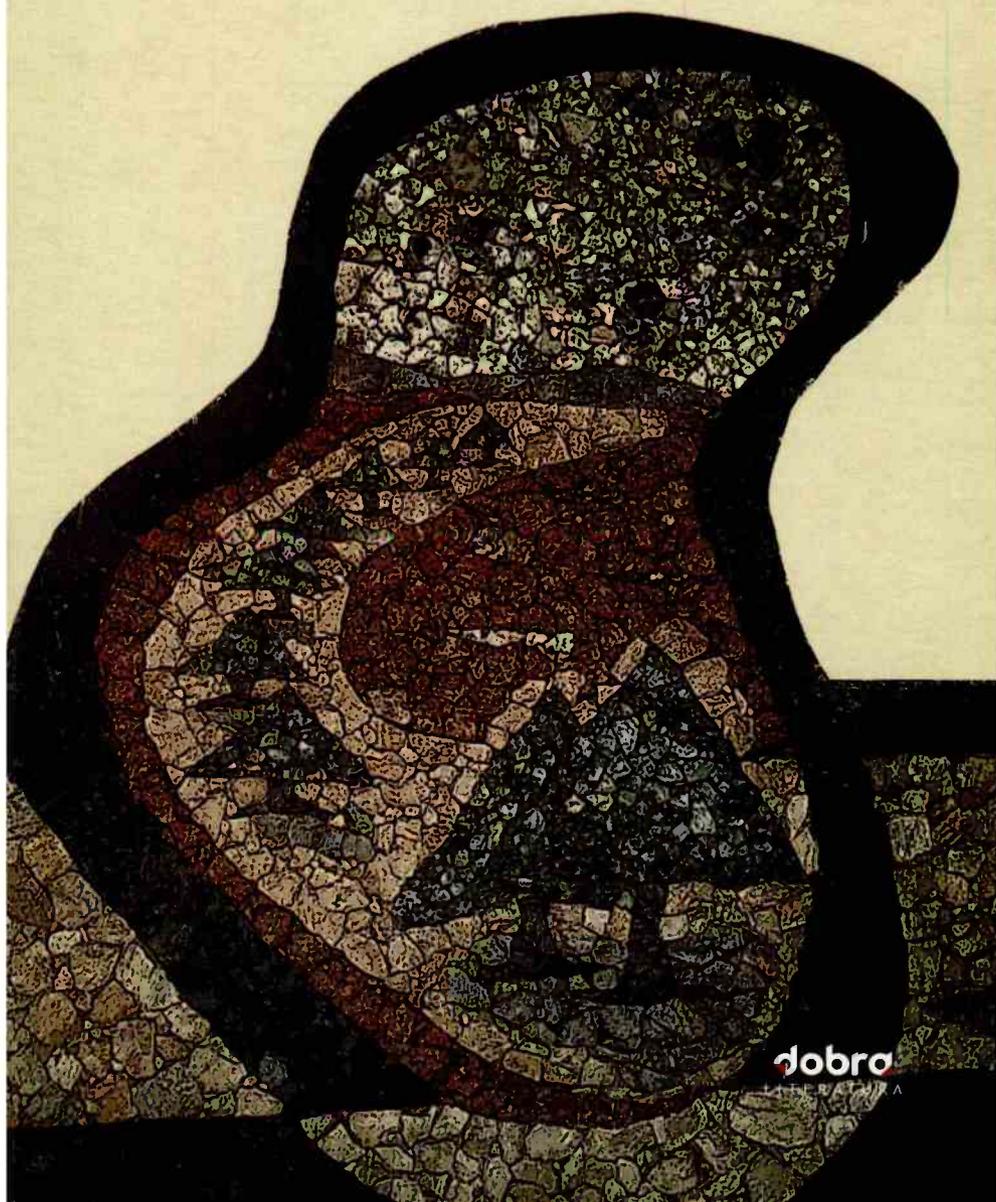


RUY ESPINHEIRA FILHO

A CASA DOS NOVE PINHEIROS



dobro

Mário de Andrade dizia que arte se faz com carne, sangue, espírito e tumulto de amor. Assim é feita a obra literária, especialmente a poética, de Ruy Espinheira Filho, a qual Carlos Drummond de Andrade definiu como “poesia concentrada e de sutil expressão” ao ler o livro de estreia (*Heléboro*. Feira de Santana-BA: Cordel, 1974). A partir de então, Ruy lançou mais 19 volumes de poemas, tendo recebido, entre outros, o Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa (*As sombras luminosas*. Santa Catarina: FCC Edições, 1981), o Prêmio Ribeiro Couto (*Memória da chuva* — UBE-RJ, 1997. RJ: Nova Fronteira, 1996), o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras (2006 — *Elegia de agosto e outros poemas*. RJ: Bertrand Brasil, 2005) e o Prêmio Jabuti — 2º lugar (*Elegia de agosto*), 2006. Duas vezes finalista do Jabuti (*Memória da chuva*, 1997, e *Sob o céu de Samarcanda*, 2010. RJ: Bertrand Brasil, 2009) e do Prêmio Nestlé (1997, *Memória da chuva*), indicado ao Prêmio Portugal Telecom (*Sob o céu de Samarcanda*, 2010), Ruy teve seu poema infantil, *A guerra do gato* (Bertrand Brasil, 2005), selecionado pelo programa Minha Biblioteca, da Câmara Brasileira do Livro e do Governo de São Paulo.

Também mereceu destaque em outras premiações: Prêmio Rio de Literatura, 1985 (2º lugar, romance — *Ângelo Sobral desce aos infernos*. RJ: Philobiblion, 1986), finalista do Prêmio Nestlé 1986 (*O rei Artur vai*

As fitas,
com o nome,

1 key
André,

março de 2013

A CASA DOS NOVE PINHEIROS

(2009-2012)

RUY ESPINHEIRA FILHO

A CASA DOS NOVE PINHEIROS
(2009–2012)

dobra
LITERATURA

DOBRA EDITORIAL

EDITOR Reynaldo Damazio
CONSELHO EDITORIAL Adolfo Montejo Navas, Carlos Felipe Moisés,
Edison Carmagnani Filho, Eduardo Sterzi,
Frederico Barbosa, Tarso de Melo
ASSISTENTE EDITORIAL Débora Ferreira
ARTE Regina Kashihara
INTERNET Ricardo Botelho
CONTATO Rua Domingos de Moraes, 1039 • conj. 2
Vila Mariana • São Paulo • SP • CEP 04009-002
Tel. 11 5083-3090
www.dobraeditorial.com.br
FOTOS Mario Espinheira
REVISÃO Flávia Ferreira

© Dobra Editorial 2012 Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou armazenada, por quaisquer meios, sem a autorização prévia e por escrito da editora e do autor.

Espinheira Filho, Ruy.

A casa dos nove pinheiros (2009-2012) / Ruy Espinheira
Filho -- São Paulo : Dobra Editorial, 2012. 152 p.

14x21cm

ISBN 978-85-63550-85-9

1.Poesia brasileira. I. Título.

CDD B869.1

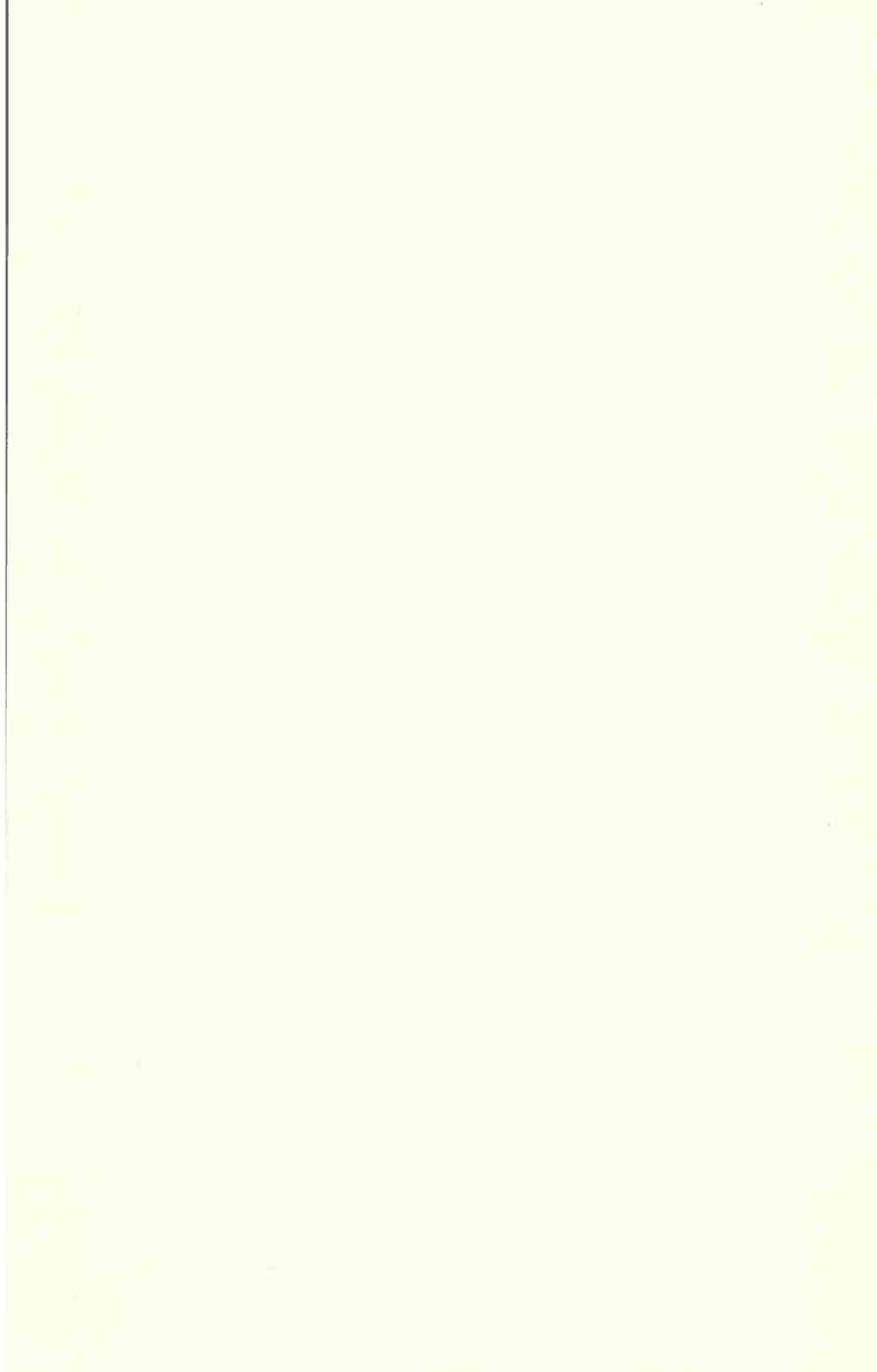
Índice para catálogo sistemático

1. Poesia : Século 21 : Brasil

*À memória de Iracema e Ruy,
meus pais,
e Itamar,
meu tio.*

*A
Maria da Paixão,
por tudo e muito mais.*

*A
Matilde e Mario,
meus filhos.*

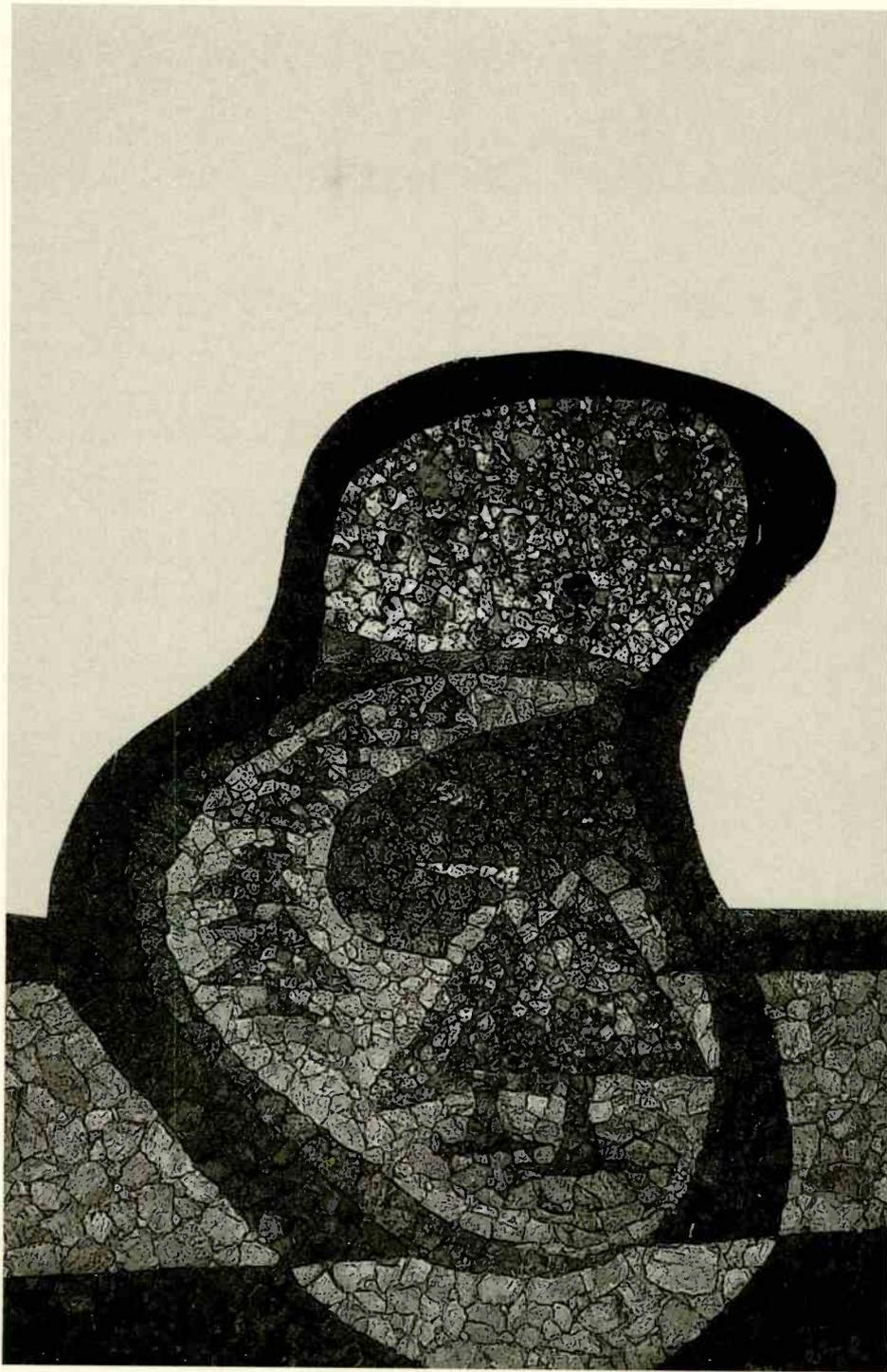


*... e quanto pouco falta
Para o fim do futuro!*

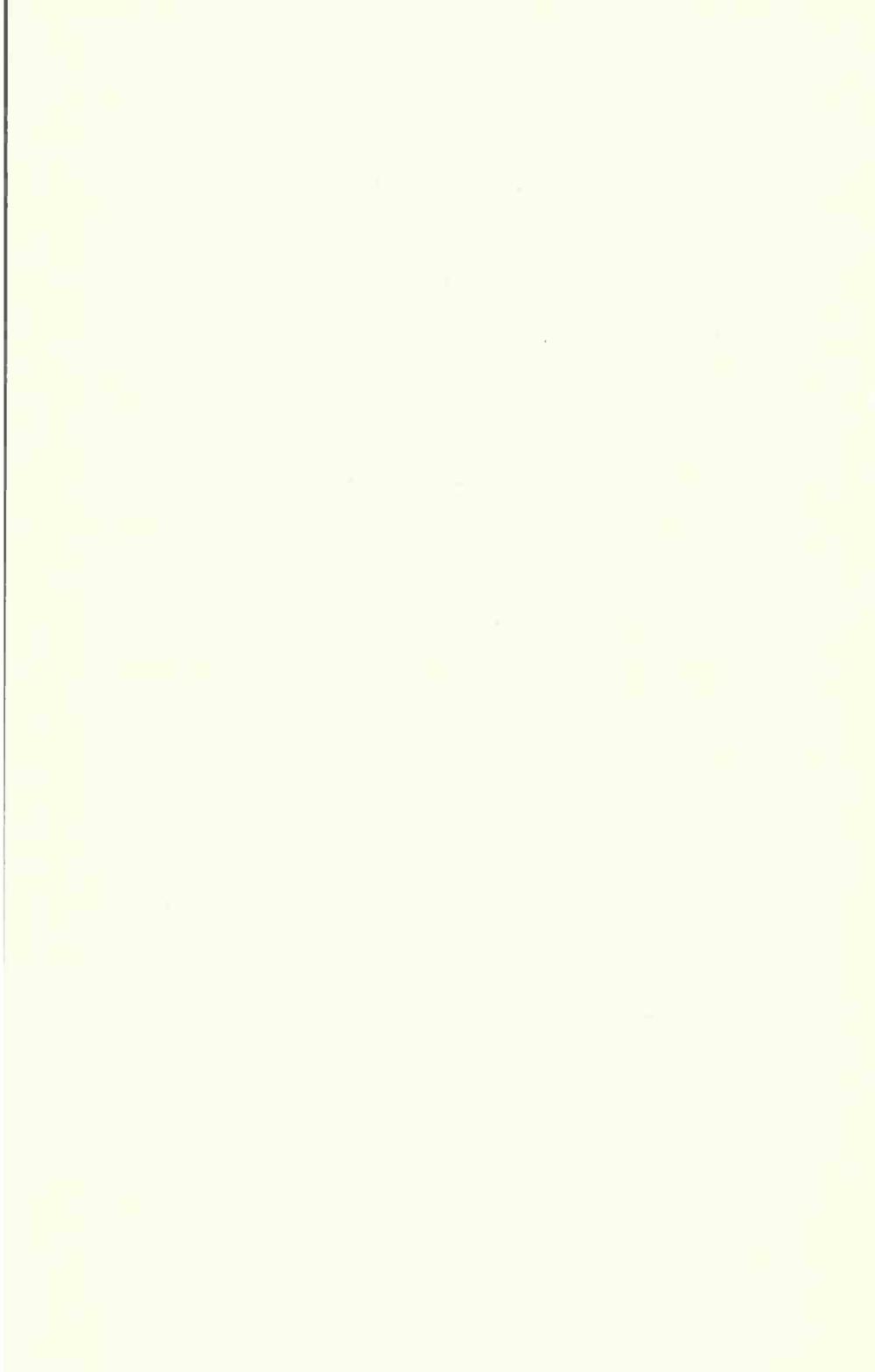
Ricardo Reis: Odes (18-06-1930)

But time is always guilty.

W. H. Auden: "Detective story".



- 1. A casa dos nove pinheiros



A casa dos nove pinheiros

A casa permanece jovem,
embora meu pai a tenha construído
em meados dos anos 50,
quando também precisou
vendê-la
e viajar
para que os filhos tivessem melhores estudos
em cidade maior.

Todos os que a habitaram
desde então
trataram-na com desvelo,
inclusive
a senhora que um dia subiu
no grande reservatório de água
para se afogar.

Sempre estive em mim, nitidamente,
a casa
como nas fotografias que meu filho tirou
recentemente.
E de forma mais ampla ainda
me habitando,
ela,
pois que nela vivi por vários meses
nos fins da infância.

Nas fotografias,
o caminho lateral da casa,
a varanda sobre esse caminho,
a casa vista da rua
e, principalmente,
os nove pinheiros em pedras
incrustadas na varanda.
Nove pinheiros enfileirados
em curva suave,
do maior ao menorzinho,
representando
o pai,
a mãe,
os sete filhos
que ali moravam.

Sim, tudo permanece
jovem.

Os pinheiros continuarão a lembrar
pai,
mãe,
sete filhos,
mesmo quando não restar sequer um deles
para sentir certo tempo,
respirar a casa,
como eu agora,
com antiga alegria e um sabor
de lágrimas.

Condição

1.

E aqui estou escrevendo mais um livro.
Não sei até quando escreverei mais um livro.
Não posso saber,
não pertenço à raça irritada e depressiva
dos profetas.
O que sei é que venho tentando escrever livros
desde que respirei pela primeira vez
conscientemente
o ar da sala em que meu pai,
colhendo e abrindo misteriosos objetos
de longas e altas prateleiras,
mergulhava no concentrado silêncio em que
(eu o soube depois)
conversava com Platão,
Eça, Proust, Huxley,
Pessoa, Homero, Skakespeare,
Voltaire,
Roger Martin Du Gard,
Pierre Van Paassen,
Rubem Braga,
Camões, Sosígenes Costa,
Bandeira, Cecília, Drummond, Quintana,
Bertrand Russell,
Vieira,
por exemplo.

2.

Na verdade, houve um antes
de tentar decifrar aqueles objetos mágicos
de que fala muitas vezes Borges
relembrando Emerson.

Para tanto,
por meses e meses,
minha mãe me guiou entre os primeiros e hostis
hieróglifos.

E com infinita paciência,
pois desde o início bem sabia que eu não me chamava
Jean-François Champollion.

3.

Penso estas coisas
enquanto, mais uma vez, escrevo,
muito depois de meu pai se tornar
memória luminosa,
como aqueles com quem conversava em silêncio,
e a paciência de minha mãe
finalmente já ter merecido
o devido repouso.

4.

Sim, novamente escrevendo.
Sem saber, como sempre, aonde estou indo,
se é que estou indo a algum lugar.

Às vezes me ocorre
que escrever é exatamente isto: ofício
de quem não sabe aonde ir.
E, como não sabe, tateia
na névoa
à espera de encontrar alguma coisa
que não só não sabe onde está
como não sabe o que é
e que talvez seja uma parte da alma que ficou perdida
na travessia
entre sombras ancestrais
e a vida.

5.

Ao contrário do que versejou o poeta Drummond,
a literatura não estragou as minhas melhores horas de
[amor.

Na verdade, deu-me algumas das minhas melhores.
Amor de muitos textos admiráveis,
muitas mulheres, muitos heróis
e mundos além do mundo.
Vasto sonho carregado de sonhos,
em que eu mesmo fui e sou meus sonhos
e o sonho nos meus sonhos.

Sim, também sofrimentos.
Sim, também horrores.
Sim, também abominações.

Mas é que os sonhos são coisas da vida,
nascem da vida,
não se pode sonhar senão com a vida,
que talvez seja também sonho, como acreditava
Calderón de La Barca.

6.

A sala mágica de meu pai se desfez no tempo,
que é,
como diz Wystan Hugh Auden,
sempre o culpado.

Conservei alguns dos seus objetos,
outros fui amalhando ao longo dos anos.

Agora estou aqui, em minha própria sala mágica,
de que alguns se queixam por causa do mofo,
da poeira e dos ácaros,
que não sei se existem e se existem
também são mofo, poeira e ácaros
mágicos.

Sinto-me melhor aqui do que em qualquer lugar.
Meu pai certamente se sentia ainda melhor
em sua sala prodigiosa,
pois não lhe faltava pedaço nenhum da alma
e só precisava escrever as peças jurídicas necessárias
ao nosso sustento.

Quanto a mim, estão vendo,
continuo tateando
na névoa.

7.

Continuo, continuo.

Assim creio que será o tempo que ainda me resta.

Não se trata de resolução, mas de condição.

Que não desejo a ninguém, porém não preferiria outra
qualquer.

Olho em torno,
nas estantes,
os velhos e novos rostos amigos,
densos de sabedoria, aventuras, dúvidas, angústia,
revolta, nostalgia, esperança, paixão, lirismo.
Felicidade também, para quem sabe reconhecê-la.
Como eu,
que tenho tantas limitações,
materiais e de espírito,
e tanto me preocupo com família
e amigos,
e trago muitas perdas e perenes saudades
e chagas de injustiças
e às vezes não sou senão um vale
de lágrimas,
mesmo quando elas não me chegam
aos olhos.

8.

Sim, aqui, entre as paredes forradas
por milhares de objetos inesgotáveis
em maravilhas e espantos,
reconheço que sou feliz.

Creio mesmo que sempre fui feliz,
inclusive nos momentos em que me sentia
e me dizia
infeliz.

E, nesta sala, agora, escrevendo
não sei o quê,
nem para quê,
sem porto de origem ou de destino,
sinto-me plenamente feliz,
como feliz também quando, daqui a pouco, sair para
[janeiro,
que, além da varanda,
sonha coqueiros à brisa e mar e céu
azuis.

Canção de aniversário

De novo o Tempo me traz
a este porto de dezembro,
que é sempre o mesmo e sempre outro
em tudo que em mim relembro.

Aqui começou a história
(foi há 68 anos!)
de horizontes, aventuras,
certezas e desenganos.

Velho porto a que regresso,
nem alegre, nem tristonho,
e logo me faço ao mar
com as mesmas velas do sonho.

Um de nós

Alguém fala em seu nome
e me leva a ruas antigas que muitos poderão achar
que são as mesmas de hoje
pois conservam suas placas
mas eu sei que eram outras
especialmente insalubres por causa do mau cheiro
do fascismo
entranhado em tudo.

Então
por elas caminhávamos com a alma obscurecida
temendo que algum lampejo de pensamento
ou sonho
nos denunciasse.

Alguém fala em seu nome
e me devolve a esse mundo.
Mas você não pode ser devolvido a ele
jamais poderá
pois dele foi apagado sem deixar rastro
sequer restos mortais num cemitério.
Apagado de lá e do seu futuro
que fico a me perguntar como teria sido.

Que fico a imaginar
embora tonto e nauseado devido ao cheiro podre
daquelas ruas
daquele tempo
que me retorna agora quando alguém fala
em seu nome.

Canção de juventude

Com os pensamentos
nos rumos dos ventos.

Nenhum tempo escuro
vindo do futuro.

Sonhar com Maria,
de noite e de dia.

Com outras também,
se aquela não vem.

Amar altos ares,
desertos e mares.

Garimpar tesouro
em ilhas de ouro.

Garimpar um verso
que não vem, perverso.

Confiar na manhã
que virá, louçã.

Atento ao diamante
do mais breve instante.

De alma indomada
e transverberada.

Corpo leve e ágil,
como nunca frágil.

Desejo profundo
de mudar o mundo

(o outro, a face dura,
poço de amargura).

Na brisa, que soma
suavidade e aroma,

colher a alegria
em luz de poesia

(por mais adverso
que lhe seja o verso).

Ser bem o que é: era
mágica, que gera

— vasta primavera —,
a flor da quimera.

Fugit irreparabile tempus

Daqui a oito dias
o ano vai acabar.

Já estive muitas vezes assim
décadas
a oito dias do ano
acabar.

A oito dias
mas não creio que nenhum desses
dias
tenha sido tão belo como este
com céu azul
brisa
silêncio
verdes e flores
e
logo ali uma fimbria
de mar.

Poderei outra vez
assim estar
a oito dias do ano
acabar?

Não sei. Se não puder
outra vez
assim estar
será porque já terá
chegado a vez
a minha vez
de o mundo acabar.

Dentro da noite

a Deodato Astrê

Era jornalista
do maior dos dois jornais da terra.

Aliás, no menor,
propriedade de um dentista provisionado,
cheguei a publicar artigo juvenilmente entusiasta quanto
[ao futuro.

Havia ainda um carro que circulava com o adesivo
[Imprensa,
mas seus ocupantes se limitavam a fotografar
[aniversários,
formaturas, casamentos, batizados.

Era jornalista, pois,
embora eu nunca o tenha visto trabalhando como
[jornalista
ou em qualquer outro ofício.

Encontrei-o pela primeira vez num bar
e depois em bares quase todas as vezes,
pois só muito vagamente recordo-o caminhando
de forma hesitante
pelas ruas

com magreza um tanto encurvada e, sem dúvida,
os olhos machucados dentro da noite.

Mesmo que não fosse noite,
pois era a sua frase preferida,
repetida a todo instante:

Tenho os olhos machucados dentro da noite.

E tinha mesmo,
dava logo para ver que tinha os olhos machucados dentro
[da noite.

Ainda que fosse meio-dia.

Às vezes,
nas altas marés etílicas,
tentava declamar alguns versos,
dos quais alguém me disse ser ele o autor,
mas não recordo nenhum,
só continuo ouvindo-o anunciar que tinha
os olhos machucados dentro da noite.
O que todos julgavam ser um verso seu,
mas que sempre pensei (talvez com engano) ser de um
[poeta seu amigo,
que às vezes passava na cidade,
quando embarcavam os dois numa esbórnica de dias,
evidentemente com os olhos machucados dentro da noite.

Esse poeta eu também conheci,
ouvi-o declamar seus poemas sonoros e sentimentais
que falavam no claustro dourado das estrelas.

Tinha fama de memória prodigiosa,
capaz de reproduzir prontamente qualquer texto que lhe
[lessem,
inclusive de maneira inversa.
Não alcancei esse fabuloso tempo mnemônico,
cheguei tarde,
como para tantas outras maravilhas,
mas por várias vezes escutei o relato espantoso
de testemunhas fidedignas.
Na última vez que o encontrei,
mal conseguia pronunciar as palavras,
que eram pastosas e já não serviam
aos versos claros e ritmados.
Não pude ver bem na penumbra do bar,
mas com toda a certeza estava ele, mais do que nunca,
com os olhos machucados dentro da noite.

E o jornalista continuou
em seus bares e botequins.
Já começava a haver aproximação maior entre nós,
à luz das cervejas,
quando os militares saíram dos quartéis
e afundaram o país numa ditadura de mais de vinte anos,
o que fez emergir dos esgotos da cidade,
desde o primeiro instante,
as ratazanas da delação.
E muitos se foram embora,
como eu.

Voltei após longo tempo
e lá estava ele,
no primeiro bar em que entrei.
Falei do meu último encontro com o poeta seu amigo,
já há muito morto,
e lá ficamos, bebendo melancolicamente,
com os olhos machucados dentro da noite.

Durante vários anos,
em toda vez que eu regressava,
nos encontrávamos.
Ele continuava tentando dizer uns versos
que acabavam sempre se perdendo num murmúrio
[inaudível,
mas a voz retomava a antiga pujança
quando anunciava
os olhos machucados dentro da noite.

Um dia me contaram que havia morrido.
Passara bem dos oitenta anos
e até o fim se mantivera fiel aos bares.

Quando voltei à cidade,
pareceu-me muito mais pobre
sem aquela figura magra e hesitante
nos passos e nos versos.

Então, num dos nossos lugares habituais,
pedi uma cerveja.

Depois outras.

E, sozinho,
fiquei recordando os velhos tempos.

Como os recordo agora,
com os olhos machucados dentro da noite.

Celebração

Se não vieste,
como celebrar a tua vinda?

A manhã é luminosa,
grande e belo será o dia
e certamente
grande e bela será também
a noite.

E não vieste.
Como sempre, não vieste.

Assim,
vou pôr rosas na mesa
e abrir o vinho,
para, mais uma vez, celebrar a tua
permanência.

De uma forma ou de outra

Não sei se é recordação,
ou se é sonho da memória.
Seja o que for, é emoção,
vívida ou inventada história.

Houve mesmo aquela tarde?
Fomos juntos à colina?
Pouco importa — que a alma me arde
e o coração me assassina,

pois é um conto que se conta
e se reconta sem fim,
seja uma lembrança tonta
ou triste ficção de mim.

De uma forma ou de outra, a tarde
me dói no alto da colina
à beira-mar. E a alma me arde.
E o coração me assassina.

Pensamentos

Se eu morresse agora,
teria vivido menos 901 anos
do que Matusalém.

Matusalém foi o grande recordista,
batendo os 930 anos de Adão
e, por ordem cronológica,
os 912 de Set,
os 905 de Enos,
os 910 de Cainan,
os 895 de Malaleel,
os 962 de Jared.

Mas não bateu Matusalém seu pai,
bisavô de Noé,
Enoque,
que talvez ainda esteja vivo de alguma forma,
porque andava com Deus e um dia sumiu,
provavelmente para fazer andanças maiores,
mais altas e sutis,
no imponderável.

969 anos viveu Matusalém.
Vida longa, mas creio que um tanto vazia,
pois dele só nos contam,

tirante a ascendência e a descendência,
a portentosa longevidade.

E então, de repente, penso
que teria vivido 901 anos a menos do que ele viveu,
se morresse agora.

Sim, veio-me este pensamento estranho
nesta manhã sem nuvens.

O que, na verdade, não é estranho,
pois desde Eva se sabe
que não há necessidade nenhuma de nuvens
para que chovam sobre nós pensamentos
estranhos.

Uma história

Então percebeu
que ela retornava.
Seria mais uma
das vezes que vinha,
emergia vaga
e o abandonava?

Aguardou um tempo,
depois outro mais.

Sem ânimo, a mão
puxou a gaveta
e dela umas folhas
de papel, caneta.
Por fim se daria,
não se desfaria
num sopro, deixando-lhe
somente um vazio?
Mas não parecia
o que sempre fora:
ensaiava vir
plena em sua forma,
sem mais os enganos
de anos e anos.
Talvez... Já corria
a mão no papel,

ordenando linhas
de mel e de fel.
Ele não contava:
escutava a história
contar-se em lirismos,
ilusões, abismos.
Os dedos tremiam
um pouco, mas iam,
palavra a palavra,
cumprindo sua lavra.
E passou-se um tempo,
depois outro tempo,
outros tempos mais,
que iam compondo,
pétala por pétala,
a flor de papel
na mesa que já,
assim perfumada,
ia navegando
pela madrugada.

E logo era dia
amplo, que se abria
além da janela,
e brilhava, intenso
na areia da praia,
no mar e na vela
de um barco no mar.

Dia que esplendia
e em seu esplendor
consumou a música,
o ritmo e a beleza
da flor sobre a mesa.
E ele descansou
nas mãos a cabeça.
Mas só por instante.
Logo punha em ordem,
pétala por pétala,
a flor de papel,
cujo nome era
não de qualquer flor,
e se revelava
apenas a quem
sentisse o perfume
da história contada
e que unicamente
nela se contava.
E colheu o homem
a flor e saiu,
caminhando lento
sob o azul do dia.
E, ainda mais lento,
subiu a colina
bem diante do mar
de espumas e ondinas.
Deteve-se o homem

no ponto mais alto,
inspirando o vento
que soprava o mar.
E, mais lento ainda,
foi dilacerando,
uma a uma, as pétalas
da flor que continha
a história contada
— contente, sofrida —
ao longo da noite,
ao longo da vida.
E eis que cada pétala
se multiplicava
e voava ao vento,
e vinham mais pétalas
assim mutiladas
navegar o vento
em rumos tão vários
que eram nenhum.
E, pétala a pétala
— pétalas de pétalas —,
se foi toda a flor
ao vento do mar,
não restando nada,
nem mínimo traço,
nem grão de perfume
suspenso no ar.

Enfim, viu o homem,
ao sopro do vento,
que apenas o vento
no vento voava.

E sentiu que a alma
se pacificava.

Nada

Muitas vezes ouvimos dizer que não haverá de ser
nada.

Sim, às vezes não será mesmo
nada,
felizmente.

Mas, outras vezes não será mesmo
nada,
infelizmente.

Dizem-nos que não haverá de ser
nada
para nos dar ânimo.

Mas de outras vezes desanimamos seriamente porque
[nos parece
que não haverá de ser
nada.

Não, não é nada fácil
viver. Nada.

O jeito é aceitar estoicamente que,
mais cedo ou mais tarde,
de uma forma ou de outra,
não haverá de ser
nada.

Pelo menos poderemos, assim, pensar que alguma vez
chegamos à filosofia.

O que, na verdade, não haverá de ser
nada,

porque fomos nós que ensinamos
à filosofia, há muito tempo,

que, para o pior ou para o melhor
— e com ela ou sem ela —,

alguma coisa, em algum momento, não haverá de ser
nada.

Enfim, ao final, seja como for, tudo,
mais cedo ou mais tarde, haverá de ser
nada.

O que, na verdade, não haverá de ser nada.

Nada.

Conversa com Francisco Otaviano

ILUSÕES DA VIDA

*Quem passou pela vida em branca nuvem
E em plácido repouso adormeceu,
Quem não sentiu o frio da desgraça,
Quem passou pela vida e não sofreu,
Foi espectro de homem — não foi homem,
Só passou pela vida — não viveu.*

F. O.

Desde adolescente sei de cor
este teu poema,
meu caro Francisco.

Quem sabe de cor, como bem sabes,
sabe de coração.

E no coração embalei teu poema
por muitos e muitos anos.

(Mesmo com a dúvida de singular ou plural,
branca nuvem ou brancas nuvens,
culpa tua por não o teres publicado em livro,
permitindo a variação
que venho encontrando em revistas,
jornais, antologias.
Seja como for, um belo poema.
Ficarei com o singular,
que um amigo erudito assegura
ser a forma mais aceita,

mesmo porque uma nuvem já é o suficiente,
dá mais a ideia de paz do que várias nuvens).

Fechado o parêntese,
continuemos.

Sim,
que coisa mais inútil passar pela vida
em branca nuvem!
Que imperdoável alienação adormecer
em plácido repouso!
Que grandeza em enfrentar
o frio da desgraça!
Jamais ser espectro de homem
— mas homem de verdade!
Jamais passar apenas pela vida
— mas vivê-la intensamente!

Com o tempo, porém,
fui cada vez mais admirando a
branca nuvem.
Em muitos instantes desejei
estar noutra lugar, noutra situação,
de preferência em
branca nuvem.

Vivêssemos todos em branca nuvem,
o mundo seria muito melhor.

Em estado de branca nuvem,
Aquiles não teria sido dominado pela ira.
Nem Alexandre pelo delírio de conquistas.
Nem os fanáticos da Inquisição teriam acendido suas
[ominosas fogueiras.
Nem Hitler desejaria se vingar da humanidade,
pois não sofreria seus complexos sexuais,
nem de palhaço patético
e pintor medíocre,
abaixo de medíocre
(e muito menos a Alemanha inteira,
ou quase,
apoiaria com entusiasmo
o homunculóide sinistro).

Aprendi, desde cedo,
que os anjinhos gostam de brincar nas
brancas nuvens.
Certa vez, quando menino, ouvi,
de uma empregada,
que acabava de ver um anjinho passar
de uma nuvem para outra.
Olhei o céu, mas só vi
brancas nuvens.
A moça me explicou que ele estava escondido
numa delas
e era muito mimoso,
com asinhas como
brancas nuvens.

Passei então a olhar muito as nuvens,
mas nunca vi um anjinho.
Via as nuvens, dia após dias
(dia empurrando dia, como escreveu Horácio).

Fui cada vez mais me tornando vigilante de
brancas nuvens.

Gosto muito de olhar para elas.

Se pudesse, teria uma,
para poder ler em incomparável conforto.

Ou amar.

Ou dormir.

O que seria dormir, sem dúvida, em
plácido repouso.

Que é, afinal, como se deve dormir.

Sem sentir o frio da desgraça
de um pesadelo, por exemplo.

Aliás,

se há algo que devemos sempre evitar é
o frio da desgraça.

Se o frio comum já pode ser um problema, imagine
o frio da desgraça.

Libera nos, Domine.

Nada desses horrores,

pois são eles que transformam o homem
em espectro,

que nos impedem de verdadeiramente
viver.

Pois é, Francisco, fui mudando
com o tempo.
Podes até me acusar de cinismo, o que não
me incomodaria,
pois muita gente boa já foi acusada de cinismo,
como, por exemplo,
Voltaire.

Ainda sei de coração o teu poema,
não se pode esquecer amores da juventude.
Mas hoje, quando dele me lembro,
não sinto mais aquela emoção.
Sinto outra,
como uma espécie de saudade
de mim mesmo,
daquele jovem que declamava teus versos
intensamente possuído de poesia
e convicção.

Na verdade, não passei pela vida
em branca nuvem.
Não me foi possível.
Não é possível a ninguém passar assim
a vida.
Há sempre muitos incômodos,
muitas tentações.
Mas, sinceramente,
a tentação que cada vez me tenta mais é a
branca nuvem.

Que melhor lugar pode haver para
— dormindo ou acordado — estar em
plácido repouso?
E quem de nós não acha que merece um
plácido repouso?
Não, nada de
frio da desgraça.
Nada de sofrimento.
Tais experiências podem ser boas para quem pretende
[troca-las
por milênios de prazeres em algum paraíso,
como garantem certos corretores espirituais.
Eu, não, não quero tanto,
prefiro dois pássaros voando
a um na mão.
Mais: prefiro todos lá fora,
no alto, longe de mãos.

Não me limitei a apenas passar pela vida
(mesmo porque ela não depende tanto de nós
quanto arrogantemente supomos)
em branca nuvem,
como jamais me senti espectro.
Às vezes até sonho em vir a ser espectro,
no devido tempo,
para visitar certas pessoas
à meia-noite.

Não, meu caro poeta, não estou brincando.
Talvez divagando um pouco, mas a divagação
faz bem à alma.
Como lhe fazem igualmente bem
uma branca nuvem e um
plácido repouso.

Enfim,
continuo amando o teu poema,
mas, nestas alturas,
o que mais quero mesmo
é vir a merecer uma
branca nuvem
para um
plácido repouso
final.

Amém.

Rosa

Tua breve mensagem,
amiga,
abre uma janela para mim mesmo
quarenta anos atrás.

Há muita luz,
meus olhos chegam a doer,
depois vão-se acostumando
lentamente.

E então ali estou
e levo aquele amor como uma rosa
secreta,
uma rosa rubra
de meu sangue.

Ali estou.
Aqui estou.

Não sei como consegui vencer o vasto mar
de quarenta anos.

E mais não sei:
como ainda trago comigo a rosa
a mesma

tão jovem como quando primeiro
ardeu em mim
com sua secreta e rubra
primavera.

Outra vida

Mais uma notícia da morte
de amigo.
Já são muitas notícias dessas mortes.
Trazidas pelos vivos, claro,
porém logo aproveitadas pelos mortos
para que se incorporem em mim.
Mesmo aqueles em que há muito não pensava.
Os raramente lembrados. E até os que,
me desculpem,
estavam esquecidos.

Os vivos me noticiam as mortes
e partem, voltam às suas vidas.
Os mortos, porém, não se deixam estar em suas mortes.
Nem mesmo os de escassa lembrança.
Sequer os esquecidos.
Ficam, todos, com densidade maior
do que tinham antes de suas notícias
fúnebres. E não permanecem
funebremente, mas de modo
jovem e saudável,
como não é mais meu modo
há já algum tempo.

Penso estas coisas e então sei
que temos mesmo outra vida

além desta. E que começará
quando um que nos conheça e goste de nós,
ou tenha gostado um dia,
receber a notícia de nossa morte.

Penso isto e me sinto confortado.
E desde já agradeço aos que, quando for a hora,
levarem aos meus amigos a notícia
de que vou chegando para estar com eles
saudável e jovem
como de mim se lembravam
ou se esqueciam.

Encanto

Acho que nunca te disse nada
para não quebrar o encanto.

Um encanto é coisa rara
tem que ser guardado
com todos os cuidados
e as virtudes
da alma.

Um encanto é delicado,
parte-se com extrema facilidade.
E depois sobrevém a tragédia do desencanto.

Por isso as histórias param quando o beijo do Cavaleiro
quebra o encanto da Bela.
Porque, se continuassem,
eles se casariam,
teriam filhos,
ficariam preocupados com as despesas,
adiante se sentiriam tão entediados que passariam
[o resto da vida
indiferentes um ao outro,
vendo televisão.

Por isso cessam as histórias onde cessam.

Como não prosseguem,
continuamos na atmosfera encantada,
todos ainda no poético papel de Cavaleiro e Bela.

Acho que foi por isso,
para não perder o encanto,
que não te disse nada.
Não coisa propriamente intencional,
calculada decisão.
Pensei inicialmente em instinto,
mas hoje creio que talvez uma fada me tenha soprado
[alguma coisa
no sono.

Não te disse nada.
Foram-se muitos anos e nunca te disse nada.
Mas, na verdade, não há tempo no Reino do Encanto.
Tu que o digas, pois continuas
a Bela.
Eu que o diga, pois continuo
o Cavaleiro.
E somos felizes para sempre.

Assim é o encanto.

Como já foi dito,
raro e delicado.

Todo cuidado é pouco.

Com ele
só podem lidar, sem perigo,
o Amor Perfeito,
os unicórnios
e a infância.

Trovões

A trovoada vai-se embora
no vento que vem do mar,
mas se vai de má vontade,
lenta, faiscante, a rosnar.

Densas nuvens de janeiro
anoitecendo o jardim,
porém abrindo clarões
de outros janeiros em mim.

Clarões das nuvens da infância,
quando S. Pedro arrastava
pesados móveis no Céu,
que ele lavava e arrumava.

Grandes trovões de janeiro,
de hoje como de outrora,
abrindo um passado velho
neste menino de agora.

De súbito, do nada, uma carta

1

Sá-Carneiro disse, em carta, não incomodá-lo muito
[a possibilidade

de suicídio,

mas a consciência de

ter de morrer forçosamente um dia.

Seu correspondente deve ter pensado em tais palavras

[muitas vezes

ao escrever certos versos,

como, por exemplo

(16 anos mais tarde, com a alma já por si conturbada
de Álvaro de Campos)

alguns de *Tabacaria*,

quando observou que o dono da loja morreria,

como ele próprio,

um deixando a tabuleta, o outro versos,

que a certa altura também morreriam,

como morreria depois a rua onde estivera a tabuleta

e a língua em que foram escritos os versos,

e, por fim, o planeta girante em que tudo isto se deu.

Sim, tais reflexões já tumultuavam Sá-Carneiro,

mas com menos longo sofrimento,

porque logo soube livrar-se delas com

cinco frascos de arseniato de estriçnina

em 26 de abril de 1916,

aos 26 anos de idade.
às 8 da noite, no Hotel Nice,
Paris. E assim
terminou o tormento do Esfinge Gorda,
como certa vez se definiu.
E que ainda mais gorda e com mais mistérios de esfinge
[ficou,
após a morte,
avolumando-se a ponto de mal caber no caixão,
tornando definitivamente impossível que seu enterro
[fosse levado sobre um burro,
como pedira num poema,
embora tivesse lembrado
(como se antevendo sua última vontade
não sendo respeitada)
que a um morto nada se recusa,
e insistindo mesmo, peremptório:
E eu quero por força ir de burro.
(Ninguém se moveu para encontrar um burro capaz
de tal façanha,
ainda que não — como pedido —
ajaezado à andaluza.
Sim, a um morto tudo pode ser
recusado.)

2

Não sei como as linhas acima se escreveram,
pois não havia pensado em nada parecido.

Pelo que recorde, pensara que estava velho,
não propriamente por me sentir assim,
mas por constatar que de então a agora
passara muito tempo.

É a lógica, bastante desagradável:

se muito tempo passou desde a nossa juventude
não há o que discutir: estamos velhos.

Quanto mais tempo, mais velhos.

Sem dúvida, o que de melhor havia no Paraíso,
antes da descoberta do fruto do bem e do mal,
era a ausência de lógica. Não houve nenhuma lógica
na Criação,

as possíveis justificativas do Criador não têm lógica.

Apenas, entediado por tamanha Eternidade,

Ele resolveu brincar de Deus. E, como não havia
nenhuma lógica em tudo isso

(pois só uma absoluta falta de lógica admitiria a criação

[de algo

tão tentador que poria fatalmente em risco o equilíbrio

[do Éden),

deu no que deu.

3

Coisas assim é que eu pensava,
quando saltou do nada a carta do poeta
para outro poeta.

Assim me tem sido a vida com frequência:
tarda (às vezes indefinidamente) no que espero

e de súbito serve
o inesperado.
Tudo bem, contando que não venha a lógica
deduzir que eu tenha *forçosamente* de estar velho
já que de então a agora muito tempo passou.
O tempo, que se oferece ironicamente em Ontem
(que já não é),
Hoje
(que acabou de ser)
e Amanhã
(que, se chegar, não chegará,
pois logo será o que acabou de ser,
o que já não é).
Enfim, envolvido em incômodos
similares aos meus,
e em linguagem bem melhor,
suspirou Ricardo Reis: ... *e quanto pouco falta
para o fim do futuro!*

4

Ah, o quanto pouco falta...
Aliás, uma característica do tempo: subtrair-se
[avaramente,
sobretudo quando gostaríamos que permanecesse
[mais....

Difícil acreditar que faz pouco,
muito pouco,
estávamos todos aqui...

E então, de súbito,
tivemos e temos que
forçosamente
morrer.

5

Bem, Sá-Carneiro resolveu tudo por conta própria,
interrompendo o que sentia como apenas cruel
[alongamento do tempo;
apagando os remorsos que eram como
terraços sobre o Mar,
deixando-nos as palavras com que também gostaríamos
[de abrir
docemente
a nossa noite:
Nada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais
[acabou.

Soneto da tempestade

Sem nenhuma saudade de você,
disse há pouco o seu nome. Mas que estranho:
depois de amor tão vasto, sem tamanho,
seu nome relembrando sem que dê

um salto o coração. Sim, eis que estranho
esta distância em que mal se ouve ou vê
o que era a tempestade de você
que sonhei transformar em doce amanhã

de almas. Inutilmente, que do inverno
veio apenas inverno, inverno, inverno
que vi matar-me e que já não se vê

nem mesmo ao longe, em mínimo tamanho.
E então, pensando bem, agora estranho
já ter tido saudade de você...

Passarinhos

1.

Uma andorinha, só, não faz verão,
diz o povo. Pode ser,
mas com certeza os passarinhos fazem despertar
as manhãs.

Mesmo onde tentam silenciá-los
os ruídos da humanidade.

Seja como for, a manhã os ouve e desperta com eles.
E, iluminada por suas vozes,
abre os olhos sobre o mundo.

2.

Sem dúvida,
os passarinhos são muito mais antigos que a humanidade.
E muito mais bonitos.
E cantam muito melhor.
E creio que continuarão belos e canoros quando não mais
[estivermos aqui.
Enquanto estamos, felizmente entendemos a linguagem
[dos passarinhos.

Mesmo os surdos mais surdos de nós,
porque há uma vibração sutil como a das asas das fadas
que leva os gorjeios até os corações.

Um canto, pois, democrático,
chegando mesmo a quem não é
capaz de ouvir e de entender estrelas.

Não, jamais nos falta o dom de compreender os
[passarinhos.

Mesmo quando cantam em grego antigo,
como certa vez observou
Virginia Woolf.

3.

Sim,
os passarinhos sempre despertaram todas as manhãs do
[mundo.

E do Tempo, embora alguns possam achar
que houve era em que os passarinhos ainda não existiam
e por isso não poderiam despertar as manhãs.
Quanto a mim, acho que sem passarinhos não há manhã.
Certo que a Terra girava e por isso havia noite e dia,
no remoto e triste mundo sem passarinhos,
mas era um rústico e opaco nascer do dia,
sem os maviosos cantares.

Eu, sinceramente, sou muito agradecido aos deuses
por não ter vivido naquele tempo.

4.

Falo de passarinhos porque hoje me amanhecera com
[um concerto especial.

Talvez por eu ter sonhado com mortos queridos
e uma moça que é como um passarinho cantando
[perenemente em minha memória.

Assim, acharam que eu merecia.

E, não sendo orgulhoso, reconheço que realmente
[merecia.

Estou mesmo ultimamente merecendo muito esses
[prodígios.

Modéstia à parte.

Chuvas

Chove muito nesta tarde.
Os trovões se aquietaram,
mas ainda chove, chove.

E há o vento
despenteando coqueiros,
colhendo cajus.

Olho, preocupado,
a jovem romãzeira,
que felizmente continua a embalar
suas duas primeiras crias
pequeninas.

Desce a chuva e me lembra outras chuvas
em que nos banhávamos na cachoeira
dos telhados.

Especialmente uma chuva
em que ela se perdeu,
como a ninfa Siringe entre os juncos,
em certo dia mitológico.

Uma chuva
em que ela se perdeu
noutra mitologia.

Se perdeu para sempre,
como me recorda esta chuva.

Esta chuva que não para.
Não para.

Sim, às vezes chove demais,
demais,
numa tarde.

Moradas

a Mônica Menezes

Então vou passando, vejo uma casa
e penso que deve ser bom morar nela.
Desde menino me ponho vivendo
em várias casas que encontro pelo caminho
e até em algumas que edifico
na imaginação.
Olho da estrada uma choupana na serra
e eis-me ali sentado num banquinho rústico,
pitando cigarro de palha.
Às vezes me apaixono por um portão,
ou árvores da entrada,
ou a forma acolhedora de um telhado.
Também podem ser edifícios,
sobretudo com varandas floridas
e protegidas por toldos.
Uma das fascinações mais antigas são as mansardas,
como as da Bahia velha,
Paris, Roma, Veneza e Lisboa
(onde fiquei pensando que poderia ser sempre
“o da mansarda”,
como se viu Fernando Pessoa).

.

Há alguns anos desejei violentamente
habitar uma casa de pedra

em Santiago de Compostela.
Subindo as ruínas de Delfos,
pus-me a apreciar a paisagem magnífica
a partir da casa branca, imaculada,
que acabara de sonhar
lá no alto.

Não é que eu não esteja satisfeito onde estou,
é outra coisa.
Uma coisa que me diz que só estarei morando
em definitivo
num lugar maravilhoso que saberei ser
o fim do mundo.

Voz

A voz não vem apenas
do telefone.
Vem de muito mais longe,
da distância de muitos anos.
Alguns deles, anos-luz;
outros, anos-treva;
outros, anos-dispersão;
outros ainda,
anos-névoa.

Apenas dizendo
superficialidades,
a voz me desperta
coisas profundas:
tanto marulho nas águas
do passado;
tantas visões de futuros
que deveriam estar aqui,
agora,
e só podem ser encontrados lá,
outrora.

E a voz prossegue, prossegue.
Digo que não estou ouvindo bem.
Que não compreendo.

Que o aparelho está falhando.
Que não adianta.

E então desligo. E,
como guerreiro que um dia foi
brutalmente — quase fatalmente —
ferido,
deixo-me repousar neste fim de tarde,
no início que ainda me resta
(talvez)
de anos-sonho de existir.

Alento

Da minha cidade antiga,
o que mais recorde é o silêncio
e um cão latindo ao longe.

Claro que também ouvia perdizes,
pássaros-pretos, tiês-sangue, canários,
curiós, guriatãs
e,
no poço da noite,
lobisomens.

Nada, porém, ficou tanto
e tão fundo
como o silêncio
e um cão latindo ao longe.

Mais que memória,
um alento da alma.

E por isso continuo,
suporto,
renasço das cinzas:

porque há em mim silêncio
e um cão latindo ao longe.

Talvez

Céu pesado, árvores imóveis. Nada respira,
à espera da tempestade.

Pego a caneta e o caderno
sem saber o que escrever, como sempre, pensando
que talvez possa haver alguma musa desocupada. Talvez,
sim,
porque tudo é talvez.

A não ser, claro, certa coisa.
Há uma senhora que está à beira da morte,
o que achamos natural porque já tem quase 100 anos,
mas a verdade é que estamos todos à beira da morte,
sem talvez.

Nada respira à sombra da tempestade
que talvez nem caia.
Também não parece haver nenhuma musa desfrutável,
que pensei talvez possível,
talvez.
Enfim, não há nada além, como sempre,
de talvez,
tirante aquilo de estarmos todos, enquanto vivos,
como a senhora de quase 100 anos,
inelutavelmente,
à beira.

Súbita canção da névoa

Às vezes surges da névoa
onde repousa a lembrança.
É uma dor rever-te assim,
luminosa e quase criança.

Uma dor que sempre espero,
fitando a névoa cerrada,
pois que quero doer-me assim
até não haver mais nada.

Soneto do sonho

Amei-te, ontem, num sonho: clara e nua
como jamais te vi, mas te trazia
em mim há muito tempo assim. Sabia
que tu eras — e és — como no sonho a lua

te fez baixar em minha cama nua,
em meu corpo deserto de alegria
e eis que já cintilante de poesia
que vinha do teu corpo em luz de lua

e calor de ternura densa, e olor
de mar, e azul, e histórias de outra era,
quando se amava e se morria de amor.

E então te amei, agradecido à lua
por me fazer viver uma quimera
como sempre a sonhara: clara e nua.

Visitas

De súbito,
movimentos na memória:

olhos tão negros que me fizeram quase
parar o coração;

a menina que chega,
a cavalo,
com cabelos de chuva;

e outra que se foi,
e continua indo,
indo,
e nunca se vai.

E vêm alguns mortos,
resplendentes de vida.

E casas. E ruas. E praças.
E bares que parecem ir dar
no infinito.

De súbito, sim,
mas sem surpresa,
pois há muito já não me surpreende
o que possa visitar
a minha jamais solitária
solidão.

Passageiros

a Cida Barral

Mais où sont les neiges d'antan?

François Villon: "Ballade des dames du temps jadis."

Às tardes ele pegava
sempre aquele lotação
em que, também toda tarde,
via aquela aparição

serena, meditativa,
densa de silêncio e neve,
que fazia ser a viagem
impiedosamente breve

para ele, que queria
abismar-se ainda mais
na visão a que rezava:
que não se fosse jamais!

Mas que se ia, que se ia,
como se desfeita a um gesto
de brisa — e com ela o dia
se ia também, funesto

de súbito, anoitecido
na tarde: como se um mar
sem horizonte a que ir-se,
só ondas de naufragar.

Mas sempre havia outra tarde,
sempre o mesmo lotação
e sempre silêncio e neve
da serena aparição,

que a ele impunha também
silêncio, mas não a neve:
ele ardia além da tarde
em sua vida tão breve,

numa lua que se abria
para recompor o mar
e revelar horizontes
sem rotas de naufragar,

porque, sonhando, levava,
consigo, essa aparição,
até chegar novamente
ao sonho do lotação.

E assim foi, por longo tempo,
nesse silêncio e segredo.
O tempo, que tudo esgarça
em sombras, como um degredo,

desteceu aquelas tardes
e as neves do lotação,
e o silêncio, e a magia
da serena aparição.

E tantos anos passaram,
que ele de tudo esqueceu.
Eis, porém, que certa tarde
velhas tardes reacendeu,

quando vieram dizer-lhe.
numa sala de jornal,
que alguém estava a procurá-lo:
era um caso pessoal,

explicara. E entrou, sentou-se
na poltrona, diante dele.
Disse: vim apenas para
saber se você é ele.

Vira-o em fotografia:
poderia ser (ou não)
o passageiro diário
de um certo lotação

em que ela também seguia,
toda tarde, passageira,
e jamais se despedia
ao partir (era a primeira

a saltar). E ele, por que
jamais nada lhe falara,
não lhe perguntara o nome,
calado sempre ficara?

Que a perdoasse por estar
ali, nem mesmo sabia
por que tinha vindo, não
a julgasse uma vadia,

ou pior. Insistiu: não
sei por que me permiti
esta tamanha loucura.
O que estou fazendo aqui?

Ele a fitou um momento
e falou: pelo que ouvi,
creio entender o motivo
que trouxe a senhora aqui.

Sou aquele de que fala,
o do antigo loteação,
calado e transverberado
pela sua aparição.

E o que a trouxe aqui, agora,
após anos, eu diria
que é a mesma coisa que explica
por que eu nada lhe dizia.

O mesmo que me calava,
nas tardes do loteação,
é o que a traz aqui, senhora,
nesta tarde: solidão.

Ela o ouviu, o olhar distante,
como de alma vaga, ausente,
e assentiu com a cabeça,
lentamente, lentamente.

Varanda

Deixemos de lado certas coisas
e vamos conversar aqui na varanda.
Convocar lembranças de fazer rir,
ou docemente comover,
e traçar futuros luminosos,
como já aconteceu noutra varanda,
noutra vida.

Sim, muito de tudo já passou,
mas o que achamos que passou
é o que permanece,
e por isso,
porque está em nós,
é que achamos que passou.
E coisas que não aconteceram
na verdade aconteceram,
no momento em que no sonho
aconteceram.

Se tudo é sem sentido e breve,
nada é sem sentido e breve,
pois é o que temos e somos
e,
como não há mais o que ter e ser,
precisamos viver profunda e longamente
o que é sem sentido e breve.

Conversemos, pois, nesta varanda.
Nós, que mutuamente nos sorrimos.
Nós, que nos amamos.
Nós, alegremente sem sentido
e breves
como o universo.

Atores

Totus mundos agit histrionem,
escreveram Shakespeare e seus sócios
em tabuleta
posta à entrada do teatro Globe,
lembrando aos mais distraídos,
embora com algum latim,
que todos os homens são atores
(em peças pessoais que, como as outras,
têm começo, meio e fim).

Desse elenco,
já foram encenados, há séculos,
seus gestos e falas,
pobres ou geniais,
como há muito também fechados
todos os finais.

Pergunto-me que cena terá vivido Shakespeare
cerrando sua própria cortina,
deixando o público para sempre
lá fora.
E, mais dramaticamente ainda,
pergunto,
agora,
como será o meu desempenho
em minha Hora.

■ 2.Viagem

A
Maria da Paixão
e
Cida, Carlos e Filipe Barral,
companheiros de aventuras.

A
Matilde e Mario,
meu filhos,
sonhando suas viagens que aguardam
no Tempo.

Plínio o Velho e a nuvem misteriosa segundo
Plínio o Moço e uma análise de Umberto Eco
com breves considerações finais de um poeta
seguramente *persona non grata*

I

Era o nono dia
antes das calendas de setembro.
Embora comandasse a frota
Plínio o Velho apenas estava
em Miseno
posto em sossego.

Tomara um banho de sol
em seguida um banho frio
comera reclinado uma leve refeição
agora estudava. E foi quando
cerca da sétima hora
a mãe de seu sobrinho
Plínio o Moço
indicou-lhe ao longe a aparição.

E ele pediu as sandálias
e subiu a um lugar de onde poderia
ver melhor
o que se elevava e se abria
como uma estranha árvore
no horizonte.

II

Acesa a chama da alma
das interrogações da ciência
Plínio o Velho pediu que preparassem
uma liburna
para ver de perto a
nubem inusitata
como escreveria seu sobrinho a Tácito
25 anos mais tarde
(o que bem poderia não ter ocorrido
não houvesse ele
o Moço
ao convite do Velho
sentido mais forte a flama
dos estudos que fazia em casa).

E então se ia o Velho
mas uma mensagem de Rectina
mulher de Casco
chegou-lhe com pedido de socorro
pois
de sua vila ameaçada só
poderia fugir pelos caminhos
do mar. E o Moço conta
que aquilo para que estava preparado
com ânimo de estudioso
o Velho passou a executar em espírito
heróico.

E ordenou trirremes
em rota de salvação.

III

E lá se foi
até que começaram a vir
pedras e cinzas sobre as naves
quando
contra os conselhos do seu piloto
manda o Velho manobrar
a Stabia
observando que a sorte
ajuda os corajosos. Lá
ao medo de Pomponiano
abraçou-o
confortou-o
encorajou-o
fez-se conduzir ao banho
depois reclinou-se e jantou
alegremente
dizendo que aquelas labaredas
não passavam de fogos deixados acesos
por camponeses em fuga
e que lhes queimavam os casebres. E assim ditas
tais palavras
foi descansar
dormiu profundamente
enquanto o pátio de acesso ao quarto

subia tanto
com as sujas nuvens que desciam
que um pouco mais lhe impediria
a saída. E quando então
saiu
a casa se movia
dançava
e todos puseram travesseiros na cabeça
atados com lenços. E em meio às vozes
do medo
o Velho era a razão
mais forte. E foram à praia
porém o mar não se submeteu
ao almirante. Era tudo noite
em pleno dia. E ali, na praia,
o Velho
deitou-se sobre um lençol
e bebeu duas vezes água fresca
mas um cheiro de enxofre pôs em fuga as pessoas
que o acordaram
e ele
apoiando-se em dois servos levantou-se
para logo cair. E quando
voltou a luz do dia
(o terceiro desde que o vira
pela última vez)
seu corpo foi encontrado
ileso

coberto pelas vestes
como se estivesse apenas
adormecido.

IV

Com espírito heróico
escreveu o moço
sobre a decisão de navegar
do Velho. Mas não sabia
ele
o Velho
o que o Moço saberia. Via apenas uma
nubem inusitata
talvez um incêndio (como concluiu) de casebres
de onde vinham as cinzas
nas proximidades de um vulcão (já o dissera)
extinto. Assim,
por que não banhar-se
cear e dormir
tranquilamente? Logo seria uma luminosa
manhã.

Fora-se o Velho
até ali
nas ondas

sem nada saber
da estranha árvore no céu.

Sem nada desconfiar
do engano de sua ciência.

Sem nada pressentir
da morte à sua espera
na praia. A morte
sem heroísmo algum
talvez apenas
um especialmente incômodo
desapontamento.

V

Mas o Moço escreveu a carta
25 anos depois. Ele amava o Velho
que lhe era um herói mesmo bem antes
daquela viagem. Um herói do espírito.
E um herói há de ser sempre
heróico
e heroicamente findar. E assim,
sem dúvida,
aquilo que estava preparado com ânimo de estudioso
executou em espírito heróico. E assim foi
na carta
e apenas nela
ficou
que dos relatos de Tácito só sabemos
até nove anos antes
da nuvem à qual viajou
o Velho.

Aquele ilustre
ali
no sono da morte
desamparado pela ciência
e pelos deuses
que nenhum deles o advertira das fúrias
da Terra
nem mesmo o deus mais jovem
ressuscitado não havia
50 anos
e que
na verdade
nunca dera muita importância às coisas do reino
deste mundo.

Salvador, julho de 2009, ao retornar Maria da Paixão de visita
a Pompeia, trazendo emoção e mapas, o que me reenviou
aos textos de Plínio o Moço e Umberto Eco, quando sequer
sonhava com a viagem.

Pompeia

I

Não naveguei até aqui
na trirreme de Plínio
o Velho,
nem mesmo mereci
ver apenas de longe
a *nubem inusitata*,
como Plínio
o Moço.

Porque chego tarde,
tarde.

E pensando que, em certo sentido,
sempre é tarde.

II

Sim, chego muito depois
das pedras de fogo e das cinzas,
mas aqui, finalmente, estou,
terra do Poeta Trágico,
vendo que a morte
súbita
te contemplou com permanência

bem mais longa que a das cidades
que contigo trocaram alimentos,
manufaturas,
vinho,
arte e,
sem dúvida,
confidências de amor.

III

Medito sobre estas coisas,
eu, que chego aqui
quase dois mil anos
depois. E então caminho
por tuas ruas,
entre casas que regressam ao sol
e vejo
como cultivaste o calor dos corpos
e das almas
com lupanares, teatros, cores e formas
comoventes. E,
enquanto caminho,
saudando estátuas que um dia respiraram,
sinto, principalmente,
o pulsar da vida
nas marés renovadas
do Tempo.

IV

Sim, chego tarde,
tarde. Mas então penso que,
num certo sentido,
nunca é tarde.

Pompeia, outubro de 2010.

Atena

Há muito despiu
as vestes de mármore
e ouro,
que usava em seu palácio,
mas ainda mantém os trajes de guerra
e as armas
que trouxe ao nascer
da cabeça dolorida do pai,
como quando caminhou ao longo
dos muros da cidade
levando um grande medo ao coração
de Alarico,
o godo,
que,
à frente de milhares de guerreiros,
recuou do assalto
e entrou humildemente em Atenas para negociar
em paz.

Embora não mais
imensa
no templo,
segue-nos protegendo do mesmo modo
olímpico,
segundo mereça cintilar

em seu escudo
o rosto de nossa alma.

Atenas, outubro de 2010.

Auriga

Vê o que para nós é um
vazio.

Vê
os cavalos.

E ouve seus cascos.

E os sente pulsar
na mão que lhe resta,
sábia de estratégias
e rumos.

Sereno
segue
ao vento do galope.

Alheio
à lenda de que os deuses
se retiraram
e a manhã já não vem
com dedos cor-de-rosa
abrir o palco
aos heróis.

E assim vai.
E continuará.
Além do bronze.

Enquanto ainda houver
um grão de sonho na poeira
dos séculos.

Delfos, outubro de 2010.

Apolo

Não nos surgiste como aos argonautas
quando
fizeste tremer a ilha
sob teus passos
e então te ergueste estendendo nas nuvens
os cabelos de ouro.
Mas senti que estavas
por todo o dia
acompanhando-nos na visita
às formas magníficas
que há milénios foram erguidas
nas alturas
em teu louvor.

Obrigado.

Embora não tenhamos te ofertado presentes,
como Midas, rei da Frígia,
que te enviou seu trono real,
ou Giges, da Lídia,
antepassado de Cresos,
que te saudou com crateras de ouro
e incontáveis ex-votos
de ouro e prata,
nunca mais seremos os mesmos,
pois que respiramos a fimbria da brisa

tocada pelo hálito de teus solenes ciprestes
de folhas verdes
pedras
e unção.

Delfos, outubro de 2010.

Pítia

Os deuses nos falam na língua
dos deuses
e julgamos entendê-los
em relâmpagos
hecatombes
ou
às vezes
em brisas sonoras
de sereias.

Os deuses também falam na língua
rota
dos oráculos
e sorriem
irônicos
por julgarmos ter entendido
algo que disseram
e que é
apenas
o que julgamos ter entendido
que disseram.

Os deuses só nos concedem
esses sinais dos deuses
para que julguemos que eles existem
e assim poderem existir.

No mais
nada se sabe
além de que tem a Moira
já julgados
de deuses e de humanos
o Destino.

Delfos, outubro de 2010.

Pã

Esta virgindade
ninguém terá.

Nem mesmo os deuses
mais belos.

Muito menos
o peludo e feio
Pã.

Dele foge Siringe,
a luminosa ninfa.

Por bosques e campinas,
rios e montanhas,
foge.

Foge. Foge. Foge.

Será inútil: o que pode
a fuga de uma ninfa
ante a paixão de um deus?

Mas ali estão os juncos,
que a acolhem.

Como sua semelhante,
a acolhem.

Pã não a identifica
entre eles.

Tenta envolvê-los
todos
num único abraço.

Mas os juncos apenas
se agitam e suspiram
ao embalo da brisa.

Ali está Siringe.

Pã a ouve
na canção dos juncos.

Então,
corta alguns
em vários tamanhos.
Une-os com cera.

Leva assim,
em sua flauta,
a música de Siringe.

Como levamos conosco
a melodia
dos nossos amores.

Todos eles, com o tempo,
apenas
o que se pode ouvir
de suspiros de juncos
ao embalo da brisa.

Atenas, outubro de 2010.

Dádivas

Jamais poderíamos crer
se não nos houvessem deixado certas coisas
gravadas em pedra
e palavra.

A Verdade é a Beleza.
O Belo, o esplendor
do Verdadeiro.

Sons de um mar distante
como uma aurora na noite
da nossa pequenina alma
em que eles não poderiam crer
jamais.

Mar Mediterrâneo, outubro de 2010.

Dr. Munthe

Um belo dia.

O jovem sobe,
guiado por Gioia,
a de lábios vermelhos como o colar de coral
que traz ao pescoço.

Gioia,
que vai dançando no caminho como uma jovem bacante
descalça e com flores nos cabelos.

Gioia, que ele,
sob os limoeiros,
beijará.

O jovem sobe.

777 degraus fenícios.

Rumo ao sonho.
Que aos poucos, verão após verão,
edificará
com as próprias mãos e alguns amigos.
Com as próprias mãos e,
principalmente,
a alma.

Ao longo dessa arquitetura,
os miseráveis e doentes de
Paris,
Roma,
Nápoles.

Os loucos.
A peste.
A guerra.

O terremoto de Messina.

Ele em toda parte, disputando
cara a cara
com a Morte,
que tantas vezes quis também levá-lo
e recuou ante a força
de San Michele.

Os horrores do mundo,
mas também
suas carícias:

os gnomos;

os bichos,
silvestres e domésticos,
todos exemplares em suas naturezas,

inclusive Billy,
o babuíno,
que às vezes,
bêbado ou não,
quebrava a paz geral
provocando,
abusando de pirraças e de um linguajar
escatológico,
Billy,
que incendiou o ataúde de D. Giacinto,
o rico sacerdote que explorava os pobres,
e que, assim,
paramentado,
recebeu também no corpo
ainda insepulto
o castigo do Inferno;

as conversas
com a velha Maria Porta-Lettere,
que por vinte anos subiu os 777 degraus
para entregar a correspondência
que não saberia ler;

o trabalhador Mastro Vincenzo
de grandes mãos calosas;

os devotos de Santo Antonio,
que eram todos;

o vinho,
bianco e rosso,
sempre *miracoloso*;

a Bella Margherita;

o marujo Pacciale,
que,
no leito de morte,
lhe disse:
Siete buono como il mare.

777 degraus
até o amplo panorama sobre o golfo de Nápoles,
o Vesúvio adormecido sob a coroa de nuvens,
nobre visão que teve nos seus últimos anos
o imperador Tibério.

777 degraus
até o sonho
ali edificado,
santuário ao Sol que visitei,
em dia longo de chuva,
passando sobre o esqueleto escuro do chão da entrada,
a recordar-nos o efêmero,
contemplando
o quarto simples,
o grande fogão com panelas de cobre,

pinturas e mármoreseculares,
o granito enigmático da esfinge,
o belo abismo além da varanda
voltada ao infinito.

O sonho.
O sonho de um sonho.
No alto.

Acima, muito acima,
dos 777 degraus.

E agora visto e tocado
por mim,
que já me comovera com as páginas
escritas pelo que subira
ao sonho
guiado por Gioia,
que dançava pelo caminho
como uma jovem bacante
de lábios rubros e cabelos
floridos.

Aquele
que cumpriu o sonho e venceu
a Morte
por quase um século,
até certa hora

no Palácio Real de Estocolmo,
quando por fim se despediu
do seu longo dia.

Um belo dia.

Salvador, novembro de 2010,
lembrando Anacapri
em outubro passado.

Veneza

I

É como um templo à Soberba.
E eis que então a alma foge,
em ânsia de ar e dia,
dos vastos salões do Doge.

II

Nesta Ponte dos Suspiros
talvez tenha suspirado,
ante a arrogância e a tortura,
algum meu antepassado.

III

Mas bebemos um *prosecco*,
vendo gôndolas. Por elas,
sempre assim teria sido:
sem sonhos de caravelas.

IV

Tantas riquezas e glórias
de que os séculos nos falam...
Sabem bem mais as gaivotas,
que, por saberem, se calam.

V

E as águas vêm, lentamente,
lavar as pedras impuras,
que, puras, serão a Atlântida
do azul das lendas futuras.

Salvador, novembro de 2010,
lembrando Veneza
em outubro passado.

Ele

Foi sob os arcos da Torre Eiffel
que o vi. Perguntei-me:
teria, acaso, lido o poema?
Porque poderia ser desses seres
que ainda lêem poemas,
não apenas certas linhas, regulares ou não,
jogadas no papel como flores murchas.

E lá estava ele, em toda a sua glória.
Valera a pena, pois, a longa viagem
pelos ares, sobre trilhos,
estradas e ondas,
galgando e descendo
ruínas milenares
que arruinavam os pés
e a alma iluminavam.

O poema crescia em mim, embora
aquele que me lembrava os versos
nada tivesse de solene, muito menos
de sinistro.

E o poema se adensava. E veio-me a vontade
de perguntar-lhe se poderia
pronunciar para mim,
ainda que em murmúrio,

a palavra repetida
soturnamente. E ele, então,
como se me lesse o pensamento,
ergueu-se com agilidade
de corvo
e me deixou ali,
sob os arcos da Torre Eiffel,
triste,
sabendo que não o veria
nunca mais.

Salvador, novembro de 2010,
lembrando Paris em outubro passado.

Versailles

Palácio. Jardins.
Fontes. Estátuas.
Contra esse luxo mataram milhares.

E ainda um Rei
com sua Rainha.

De quase todo o mundo,
como só não acontece em poucos dias por ano,
vieram plebeus
como eu
(muitas vezes
ali estiveram também
reis e rainhas sem qualquer incômodo
de guilhotina)
e passearam longamente
no palácio
olhando pinturas, salões, alcovas,
não vendo sanitário algum,
e depois, nos jardins,
os jardins e nele um jardim
de estátuas e fontes.

Assim caminha o mundo,
diria um filósofo.

Eu não digo nada.
Apenas revejo em mim
palácio, jardins, fontes, estátuas.

E penso na fúria revolucionária
que ali se deteve,
em certa hora,
vinda das ruas
com as mãos cheias de sangue,
e tudo aquilo começando, de súbito,
a amar
de novo e profundo
amor.

Lá se foram
rei e rainha.

E veio o tumulto cruel
de um doido tão doido
que dizia ser
Napoleão.
E vieram governantes, generais e marechais fascistas,
que derrotaram a França
para que ela não derrotasse Hitler
e adotasse, de uma vez por todas,
a liberdade,
a igualdade
e a fraternidade.

Uma longa história.
Inclusive de inomináveis crimes
coloniais.

Mas, no fim,
passeamos em Versailles.
Não somente os vivos, que os jardins
são o Paraíso de todos os franceses,
de todas as eras.
Por isso andamos também entre sombras
que neles passarão a eternidade
ao som da voz de
Edith Piaf.

E o antigo jardim,
o do Éden,
ficará apenas para as outras sombras.
E como um retiro mais simples que abrigará
a velhice de Deus.

Salvador, dezembro de 2010,
lembrando Paris em outubro passado.

Louvre

Grandes pedaços arrancados da Grécia.
De Roma.
Do Egito.
De mundos orientais.

Entro num túmulo
de onde há muito fugiram
a múmia e os deuses.

Destes, ficaram apenas
estátuas.
Pálidas de tanto tempo.

Mas há no olhar da esfinge
alguma coisa
em profundo repouso.

Creio que eles,
os deuses,
estão apenas esperando que ela deixe,
enfim,
emergir nos olhos
a face desvelada do enigma,
para que possam voltar
a viver,

com a mesma juventude,
entre nós.

Salvador, dezembro de 2010,
lembrando Paris em outubro passado.

Catacumba

250 mil

somente aqui sepultados.

Aguardando que as Trombetas
venham, enfim, ressuscitá-los
para o Juízo Final.

250 mil

que ressurgirão da terra
na esperança de alcançar
o melhor da Eternidade.

São tantos, e tão diversos:

os que pegaram na espada;
os que carregaram círios;

os que amaram com paixão;
os que sempre foram frios;

os que defenderam fracos;
os que da força abusaram;

os que sonharam com prados
floridos na Tolerância;

os que quiseram mais almas
nas chamas da Inquisição;

os que cortejaram a noite;
os que adoraram o dia;

os que instilaram calúnias;
os que escreveram poesia...

250 mil
expectantes das Trombetas,
aguardando o grave instante
do Pesar, Medir, Contar...

250 mil
dormem sono tão profundo,
em quietude tão perfeita,
em tal ausência do Mundo...
À espera, sonhando com
o Paraíso, temendo
o Castigo Eterno... Não,
que não há sonhos. Somente
os vivos sonham, bons sonhos
ou terríveis pesadelos
atroando Céus e Terra
com implacáveis Trombetas.

Os mortos não sonham. Nem
mais os deuses, pois que são
apenas por nós sonhados.

E extintos quando expiramos
o nosso Sonho Final.

Salvador, dezembro de 2010,
lembrando Roma em outubro passado.

Soneto helênico
ou
do infindável

Mnemósine envolve com seu manto
a Acrópolis, serena, iluminada
de séculos. Mais no alto, a deslumbrada
lua reflete em si a luz de um canto

tão vasto como o mar, um acalanto,
às vezes, como às vezes desatada
fúria de monstros e de heróis cantada
em prosa, em verso, em prece, em sonho, em pranto.

Uma história sem fim. Corcel alado,
deuses, ninfas, Quimera... Tudo é vida
pulsando intemporal no que é contado

de homens, titãs, sereias, no encantado
de ares, terras, oceanos. Vasta vida
de que nunca talvez se cumpra o Fado.

Salvador, dezembro de 2010,
lembrando a Grécia em outubro passado.

Depois

1.

Fotografias.

Estou à frente do Vesúvio,
bem no alto,
mas chegamos no final da tarde
e não nos deixaram subir até a cratera.

E aqui ele em outras imagens:
visto de uma rua de Nápoles,
e do meio da baía, quando navegamos a Capri,
e a guia observa que se trata do vulcão mais perigoso da
[Europa

e uma turista argentina fica tensa
comentando que não se deveria dizer aquilo quando
[estávamos

balançando indefesos nas águas.

(Como se não estivéssemos sempre indefesos,
como se o mundo não houvesse sido várias vezes
destruído
por seus próprios estertores,
sem necessitar de ajuda de meteoros ou cometas
postos em nosso caminho pela Estrela da Morte,
porque moramos num planeta vivo
e por isso mesmo nele a vida
acontece
e morre.)

Bela baía de Nápoles.
Para o bem da turista,
a guia não disse que sob aquelas águas azuis,
às vezes de um verde límpido,
há também grandes forças ígneas concentradas
buscando passagem.
Mas nada aconteceu enquanto navegávamos,
a não ser uma certa inquietação das águas
ao vento e à chuva.

2.

Ali estava o Vesúvio
com nuvens cândidas bem no alto,
sobre sua boca emudecida
há quase dois mil anos
e que alguns vulcanólogos dizem que pode voltar a falar
a qualquer momento
porque seu ciclo é de cerca de dois mil anos,
do que, aliás, duvidam as pessoas que continuam
tranquilamente
junto a Pompeia e Herculano,
como no tempo de Plínio o Velho,
Plínio o Moço
e do Poeta Trágico com seu cão de guarda.

E o monte continua em silêncio
e as nuvens ali estão como a embalá-lo
suavemente

para que repouse ao menos por mais
vinte séculos.

3.

Anacapri também encoberta,
mas ascendemos às nuvens e vemos o que escondem,
o que é como uma
epifania.

Algumas esperanças,
como ocorre acontecer a algumas esperanças,
falham: como a minha de encontrar
o gnomo que apareceu no quarto de Axel Munthe
e com ele conversou longamente.

Sim, eu sabia
que fora noutra quarto e noutra tempo,
mas isso, na verdade, não importava,
porque tais circunstâncias só são importantes em nosso
[cotidiano menor,

opaco,
os gnomos são seres superiores,
embora haja quem não acredite neles, como nos deuses,
como em Tróia,
mas eu continuo lendo as histórias dos deuses
e visitando a lendária Tróia,
desde que a ela fui levado,
inicialmente por Homero,
depois por Schliemann

e vezes incontáveis pelos próprios sonhos,
que me fazem conviver com os guerreiros na praia
e nas muralhas.

Não, não vi o gnomo,
mas sei que ele estava no quarto do doutor,
como outros de sua espécie estão em outras partes,
e, se creio neles,
eles existem.
E não morrem nunca,
como os deuses,
como Tróia.

4.

Caminhar, caminhar.
Subir e descer por velhos degraus muito espaçados
e grandes pedras
que certamente foram movidas por vontade divina
de sua longínqua origem àquelas alturas.

Ver no alto
a Acrópolis
e dela
a Ágora
com sua vasta e profunda História
de cintilações de arte
e pensamento.

Em Delfos
sonhar visitantes milenares vindo buscar a ajuda
de Apolo e Atena
e outros,
caminhando entre ninfas,
musas,
centauros,
querendo descortinar
desde trabalhos de amor
à fortuna de guerras.

5.

Continuar.
Navegar pelo Mediterrâneo até Veneza,
onde carregamos e puxamos malas
subindo e descendo escadas e pontes
e nos perdendo em ruas labirínticas
e bebendo vinho e cerveja
e ouvindo música brasileira na Praça São Marcos
antes que tudo afunde de uma vez nas águas.

(A humanidade de depois não acreditará
na cidade das gôndolas,
como não acreditamos nos deuses,
em Tróia,
nos gnomos,
na Atlântida.)

6.

Trens em greve.
Dormir em Milão.
Voar na manhã seguinte sobre
os Alpes Suíços.

7.

Paris.
A Torre Eiffel pondo à prova
os corações terrestres. E aqui estamos,
bem acima dos corvos,
olhando a grande cidade,
séculos de cultura e lutas,
nossa mãe de tantas maneiras.

Faz um frio de doer, mas pedimos
vinho quente.
Sobreviveremos.

8.

Rive Gauche.
Não vejo Sartre e Simone,
nem Fitzgerald, nem Hemingway.
No *Les deux Magots* não há lugares,
mas bebemos e comemos
no *Café de Flore*,
comentando o atraso costumeiro, há já muitos anos,
de Apollinaire e Camus.

E em minha saudade passa, murmurando
il faut être toujours ivre,
Baudelaire.

9.

Trago comigo os lugares onde estive.
Não sou como os antigos que falavam
em sacudir das sandálias a poeira dos caminhos.
Não, guardo tudo,
sempre guardo tudo,
e especialmente guardarei das últimas caminhadas
o seu espesso pó de iluminar a alma.

10.

Das viagens não regresso
jamais.

Salvador, dezembro de 2010.

CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE RUY ESPINHEIRA FILHO

- 1942 Nasce, em 12 de dezembro, em Salvador, BA, Ruy (Alberto d'Assis) Espinheira Filho, primogênito de Ruy Alberto de Assis Espinheira, advogado, filho de Antonio Coimbra Espinheira, cirurgião-dentista, e Waldomira de Assis Batista Espinheira, professora, e de Iracema D'Andrea Espinheira, filha de Giuseppe D'Andrea e Matilde Sarno D'Andrea, imigrantes italianos.
- 1945 A família se muda para Poções, no sudoeste baiano, onde o poeta passará a infância. É alfabetizado em casa, pela mãe.
- 1955/ Cursa irregularmente o Ginásio, primeiro no internato do
1960 Ginásio de Jequié, até 1956, depois no externato e, finalmente, no Colégio Estadual de Jequié, onde, em 1960, conclui o curso, sendo o orador da turma.
- 1961 Matricula-se no Curso Clássico do Colégio Central da Bahia, em Salvador.
- 1964 Também cursa irregulamente o CC. Afasta-se por alguns meses do Colégio devido ao golpe militar.
- 1965 Presta exame do Art. 99, depois Supletivo.
- 1966 Inicia o curso de Direito na Universidade Federal da Bahia.
- 1968 Participação em *25 poetas/Bahia/de 1633 a 1968*.
- 1969 Começa a colaborar como cronista diário da *Tribuna da Bahia*. Recebe o prêmio de poesia do concurso literário da Universidade Federal da Bahia, para estudantes. Abandona a Curso de Direito.
- 1970 Faz vestibular para o Curso de Jornalismo, na UFBA. Recebe o prêmio de poesia do mesmo concurso.
- 1972 Novamente o prêmio de poesia. Trabalha como copidesque na *Tribuna da Bahia*, depois como subeditor de Cidade e, mais tarde, convidado por João Ubaldo Ribeiro, editor-chefe,

- passa a ser editor de Reportagem Geral. Participação no *Breve romanceiro do Natal*.
- 1973 Participando, ainda no concurso da UFBA, com nova coletânea de poemas e um ensaio (sobre Manuel Bandeira), ganha os dois prêmios. O Quinteto Violado grava “Minha Ciranda”, no disco *Berra-boi*, letra para música de Perna Fróes. Publica *Poemas*, com Antonio Brasileiro, e conclui o curso de Jornalismo.
- 1974 Inicia o Mestrado em Ciências Humanas, também na UFBA, e publica seu primeiro livro individual de poemas, *Heléboro*. Texto incluído no nº 4 de *Contos jovens*.
- 1975 *Sob o último sol de fevereiro*.
- 1976 A convite de Jaguar, passa a ser correspondente do *Pasquim* na Bahia. Demite-se da *Tribuna da Bahia*. Começa a ensinar, como professor colaborador, no Departamento de Jornalismo da UFBA.
- 1977 Menção honrosa no Prêmio Fernando Chinaglia, da UBE-RJ.
- 1978 Torna-se correspondente de *Ficção*.
- 1979 Faz concurso para se efetivar na UFBA, sendo aprovado em 1º lugar, e publica *Julgado do vento*. É gravada por Joanna, no LP *Nascente*, a composição “Pelos caminhos de abril”, letra para música de Perna Fróes.
- 1980 Nasce a filha, Matilde.
- 1981 Concorrendo com 2.300 poetas, conquista o Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa, de Santa Catarina, com *As sombras luminosas*, que lança no mesmo ano. Publica *O vento no tamarindeiro*.
- 1981/1982 Novamente nas funções de copidesque, é demitido ao se recusar a trabalhar por não ter recebido o salário das férias. Deixa de escrever a crônica, que nos últimos anos passara a sair três vezes por semana, afastando-se definitivamente do jornal.

- 1983 Nasce o filho, Mario. Torna-se cronista diário do *Jornal da Bahia*.
- 1984 *Morte secreta e poesia anterior*. Participação na antologia *Carne viva — 1ª antologia brasileira de poemas eróticos*, organizado por Olga Savary.
- 1985 Recebe o Prêmio Rio de Literatura (2º lugar), com o romance *Ângelo Sobral desce aos infernos*.
- 1986 Morte do pai. Sai o livro premiado.
- 1987 *A guerra do gato* (Editora Jornal da Bahia, ilustrações de Rogério Blat) e *O rei Artur vai à guerra* (finalista do Prêmio Bienal Nestlé, 1986).
- 1988 *O fantasma da delegacia*.
- 1989 *Os quatro mosqueteiros eram três*. Assume a direção da Faculdade de Comunicação.
- 1990 *O nordeste e o negro na poesia de Jorge de Lima* (dissertação do Mestrado) e *A canção de Beatriz e outros poemas*.
- 1991 *Últimos tempos heróicos em Manacá da Serra* (mais tarde republicado, pela Bertrand Brasil, como *De paixões e de vampiros: uma história do tempo da Era*). Participação na antologia *Artes e ofícios da poesia*.
- 1993 Publica poemas na revista *Poesia sempre* (ano 1, nº 2), da Fundação Biblioteca Nacional.
- 1994 Transfere-se para o Instituto de Letras da UFBA, Departamento de Letras Vernáculas.
- 1995 *Antologia breve*. Inicia o doutorado em Letras. Participação em *Sincretismo — a poesia da geração 60, introdução e antologia*, organização de Pedro Lyra, e em *O conto baiano contemporâneo*, organização de Valdomiro Santana.
- 1996 *Antologia poética e Memória da chuva* (finalista, o segundo, do Prêmio Nestlé de literatura Brasileira e do Prêmio Jabuti, ambos em 1997; Prêmio Ribeiro Couto, da UBE-RJ, 1998). Homenageado em São Paulo, na Biblioteca Mário de

- Andrade, por indicação de Cláudio Willer, tendo o poeta e crítico Ivan Junqueira lido a palestra *O lirismo elegíaco de Ruy Espinheira Filho*, depois (1998) incluída em seu livro *O fio de dédalo* e, em 2005, na abertura de *Elegia de agosto e outros poemas*, do homenageado. O poema “Marinha” é musicado por Walter Queiroz e gravado por Márcia Short no CD *Grão*.
- 1997 Posfácio de *Os pareceres do tempo*, de Herberto Sales (Civilização Brasileira, edição comemorativa dos 80 anos do autor). É convidado a ser um dos fundadores da Academia de Letras de Jequié, passando a ocupar a cadeira 10. Participação em *Cem anos de poesia e prosa* (Jequié-BA).
- 1998 *Livro de sonetos e Poesia reunida e inéditos*. É eleito um dos 20 poetas contemporâneos mais importantes do Brasil, em consulta, promovida pela Fundação Biblioteca Nacional, a escritores, críticos, professores e jornalistas de todo o país.
- 1999 Recebe o título de doutor *honoris causa* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Participação em *A poesia baiana no século XX*, seleção de Assis Brasil, e *Vozes poéticas da Lusofonia* (Portugal), seleção de Luís Carlos Patraquim. Em CD, o poema “História”. Leitura de Maria Barroso. *Vozes poéticas da lusofonia*. Sintra: Gravisom. Publica poemas na revista *Poesia sempre* (ano 7, nº 11), da Fundação Biblioteca Nacional.
- 2000 *Livro de sonetos* (2ª ed. rev. ampliada e ilustrada por Itamar Espinheira). É eleito, por unanimidade, para a Academia de Letras da Bahia, passando a ocupar a cadeira 17. Participação em *18 + 1 poètes contemporains de langue portugaise, édition bilingue*, (França), seleção de Nuno Júdice, Jorge Maximino e Pierre Rivas, traduções de D’Isabel Meirelles, Annice Moreau e Michel Riaudel, na *Antologia de poetas brasileiros* (Portugal), seleção e coordenação de Mariazinha Congílio e na *Antologia de poesia contemporânea brasileira* (Portugal), organização de Álvaro Alves de Faria, *A paixão*

- premeditada — poesia da geração 60 na Bahia*, organização de Simone Lopes Pontes Tavares, e *O conto em vinte e cinco baianos*, organização de Cyro de Mattos.
- 2001 *Tumulto de amor e outros tumultos — criação de arte em Mário de Andrade* (finalista do Prêmio Jabuti, 2002; tese do Doutorado, defendida em 1999). *Poemas* — CD com 48 composições gravadas pelo autor. Participação em *Os cem melhores poetas brasileiros do século*, seleção de José Nêumanne Pinto, *Os cem melhores poemas brasileiros do século*, organização de Ítalo Moriconi, *Poetas da Bahia — Século XVII ao Século XX*, organização de Ildásio Tavares, *100 anos de poesia — um panorama da poesia brasileira no século XX*, organização de Claufe Rodrigues e Alexandra Maia e *Antologia da poesia brasileira/antologia de la poesia brasileña* (Galícia), organização de Xosé Lois García. Participação na antologia *A Sosígenes, com afeto*, organização de Hélio Pólvora.
- 2002 Prefácios de *A falta que ama* e *A vida passada a limpo*, de Carlos Drummond de Andrade (Record). Recebe o título de Cidadão Jequeense. Participação em *Poesia brasileira do século XX — dos modernos à actualidade* (Portugal), seleção, introdução e notas de Jorge Henrique Bastos.
- 2003 *A cidade e os sonhos/Livro de sonetos*. Homenageado como “Poeta e nome da turma” pelos formandos em Letras 2003.2 da UFBA.
- 2004 *Forma e alumbramento — poética e poesia em Manuel Bandeira*. A convite do Pen Club da Galícia, vai a encontro de escritores hispânicos, portugueses e brasileiros em Santiago de Compostela, participando da antologia *Poesia brasileira hoje*, organizada por Alexei Bueno, de *Poesia straniera — portoghese e brasiliana* (Itália), organizada por Luciana Stegagno Picchio, de *El mundo al otro lado (Ochenta fotografías para ochenta poetas)* (Espanha), Eduardo Margareto, edição e Prólogo de Alfredo Pérez

- Alencart e da *Antologia panorâmica do conto baiano*, organizada por Gerana Damulakis.
- 2005 Posfácio de *Linhas tortas*, de Graciliano Ramos (Record, 21ª ed.). *Romance do sapo seco — uma história de assombros, A guerra do gato* (2ª ed., Bertrand Brasil, ilustrações de Raul Fernandes) e *Elegia de agosto e outros poemas*. É nomeado, por Muniz Sodré, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, editor adjunto da revista *Poesia sempre*, função que desempenha até 2010. Nome de prêmio literário da Universidade Estadual de Feira de Santana. Participação em *Os rumos do vento/Los rumbos del viento*, antologia de poesia (Espanha e Portugal), organização de Alfredo Pérez Alencart e Pedro Salvado.
- 2006 Morte da mãe. Recebe, por *Elegia de agosto e outros poemas*, o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Jabuti (2º lugar) e Menção Especial da UBE-RJ. Agraciado com a placa de “Personalidade cultural” pelo Conselho Estadual de Cultura da Bahia. Homenageado do projeto O Escritor e seus Múltiplos, do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da UFBA. Nome de concurso literário em Jequié. Participação em *Quartas histórias — contos baseados em narrativas de João Guimarães Rosa e Voix Croisées — Brésil — France* (França), *Poesie d’aujourd’hui, hors-série n° 5*.
- 2007 Representa a literatura brasileira na Feira do Livro de Frankfurt, enviado pela Fundação Biblioteca Nacional. Inicia colaboração quinzenal, como articulista, do jornal *A Tarde*. Sai *Um rio corre na Lua* (indicado ao Prêmio Portugal Telecom em 2008). Participa de *Ficção: histórias para o prazer da leitura* e *Contos para ler no bar*, organização de Miguel Sanches Neto e *Geopoemas*, organização de Luiz Angélico da Costa.
- 2008 *De paixões e de vampiros: uma história do tempo da Era* (indicado ao Prêmio Portugal Telecom em 2009). Preside,

em Lisboa, o júri do Prêmio Camões, concedido a João Ubaldo Ribeiro.

- 2009 Morte do irmão Gey (Carlos Geraldo D'Andrea Espinheira), sociólogo e ficcionista. Participa, no Rio de Janeiro, do júri do Prêmio Camões, concedido a Armênio Vieira. Prefácio de *Cascalho*, de Herberto Sales (Salvador: Ponte da memória/ Assembleia Legislativa da Bahia). *Sob o céu de Samarcanda* (finalista do Jabuti e indicado ao Prêmio Portugal Telecom, ambos em 2010. É nome do Concurso Literário do Colégio Módulo (Salvador). Professor homenageado da turma 2009.2 do Departamento de Letras Vernáculos do Instituto de Letras da UFBA.
- 2010 Aposenta-se como professor-associado de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculos do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Participa de *O prisma das muitas cores* (poesia, Portugal), organização de Victor Matheus. Tendo sua mulher, Maria da Paixão, como guia, faz um giro europeu — Paris/Roma/Nápoles/Pompeia/Capri e Anacapri/Atenas/Delfos/Veneza/novamente Paris —, do qual se originam, à exceção do primeiro, os poemas de *Viagem*. Recebe, na Academia de Letras da Bahia, a medalha comemorativa Arlindo Fragoso (fundador da ALB).
- 2011 Organiza a *Antologia poética* de Affonso Manta. Publica *Livro de canções & inéditos* e *Andrômeda e outros contos*. Escolhido paraninfo da turma 2011.1 do Departamento de Letras Vernáculos do Instituto de Letras da UFBA. Por indicação do conselheiro Washington Queiroz, do Conselho Estadual de Cultura, homenagem, pelo conjunto de obra, da Fundação Pedro Calmon, que instala o Espaço Ruy Espinheira Filho na 10ª Bienal do Livro da Bahia. No CD *Canções de depois de tanto*, participa com três poemas — “Soneto da lua antiga”, “Canção matinal” e “Praça da liberdade” — musicados e interpretados por Durval Burgos — e uma letra, “História sem fim”, com música e interpretação

de Bráulio Barral. Publica *Viagem & outros poemas*. Sai, pela Global, antologia na série *Melhores poemas*, com direção de Edla Van Steen e seleção e ensaio introdutório de Sérgio Martagão Gesteira.

2012 Convidado para integrar o júri inicial da 10ª edição do Prêmio Portugal Telecom e falar sobre poesia na FLICA, Festa Literária Internacional de Cachoeira (BA).

DO AUTOR:

Poesia

Poemas (com Antonio Brasileiro). Feira de Santana-BA: Ed. Cordel, 1973.

Heléboro. Feira de Santana-BA: Ed. Cordel, 1974.

Julgado do vento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

As sombras luminosas. Florianópolis: FCC Edições, 1981. Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa.

Morte secreta e poesia anterior. Rio de Janeiro: Philobiblion/INL, 1984.

A guerra do gato (infantil). Salvador: Jornal da Bahia, 1987; 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

A canção de Beatriz e outros poemas. São Paulo: Brasiliense/Jornal da Bahia, 1990.

Antologia breve. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (col. *Poesia na UERJ*), 1995.

Antologia poética. Salvador: Copene/Fundação Casa de Jorge Amado, 1996.

Memória da chuva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996; 3ª impressão 1999. Finalista do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e do Prêmio Jabuti, ambos em 1997; Prêmio Ribeiro Couto — União Brasileira de Escritores —, 1998.

Livro de sonetos. Feira de Santana-BA: Edições Cordel, Coleção Poiuy, 1998.

Poesia reunida e inéditos. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 1998.

Livro de sonetos. 2ª. ed. rev. ampl. e il. Salvador: Edições Cidade da Bahia/Capitania dos Peixes, 2000.

A cidade e os sonhos/Livro de sonetos. Salvador: Edições Cidade da Bahia/Fundação Gregório de Matos, 2003.

Elegia de agosto e outros poemas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Prêmio Academia Brasileira de Letras de Poesia, 2006. No mesmo ano, Prêmio Jabuti (2º lugar), da Câmara Brasileira do Livro, e “Menção Especial” do Prêmio Cassiano Ricardo — UBE/RJ.

Romance do sapo seco: uma história de assombros. Salvador: Edições Cidade da Bahia, 2005.

Sob o céu de Samarcanda. Rio de Janeiro/Brasília: Bertrand Brasil/FBN, 2009. Finalista do Prêmio Jabuti e indicado ao Prêmio Portugal Telecom, ambos em 2010.

Livro de canções & inéditos. Salvador: P55 edições, 2011.

Viagem & outros poemas. Salvador: P55 edições, 2011.

Melhores poemas. Direção de Edla Van Steen, seleção e ensaio introdutório de Sérgio Martagão Gesteira. São Paulo: Global, 2011.

Ficção

Sob o último sol de fevereiro (crônicas). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

O vento no tamarindeiro (contos). Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

Ângelo Sobral desce aos infernos (romance). Rio de Janeiro: Philobiblion/Fundação Rio, 1986. Prêmio Rio de Literatura — 2º lugar — 1985.

O rei Artur vai à guerra (novela). São Paulo: Contexto, 1987 (finalista do Prêmio Bienal Nestlé, 1986).

O fantasma da delegacia (novela). São Paulo: Contexto, 1988; 2ª ed. 1989.

Os quatro mosqueteiros eram três (novela). São Paulo: Contexto, 1989.

Últimos tempos heróicos em Manacá da Serra (romance). Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991.

Um rio corre na Lua (romance). Belo Horizonte, Leitura, 2007.
(Indicado ao Prêmio Portugal Telecom 2008.)

De paixões e de vampiros: uma história do tempo da Era (romance). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. (Indicado ao Prêmio Portugal Telecom 2009.)

Andrômeda e outros contos. Salvador: Caramurê Publicações, 2011.

Ensaio

O nordeste e o negro na poesia de Jorge de Lima. Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

Tumulto de amor e outros tumultos — criação e arte em Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2001. Finalista do Prêmio Jabuti, 2002.

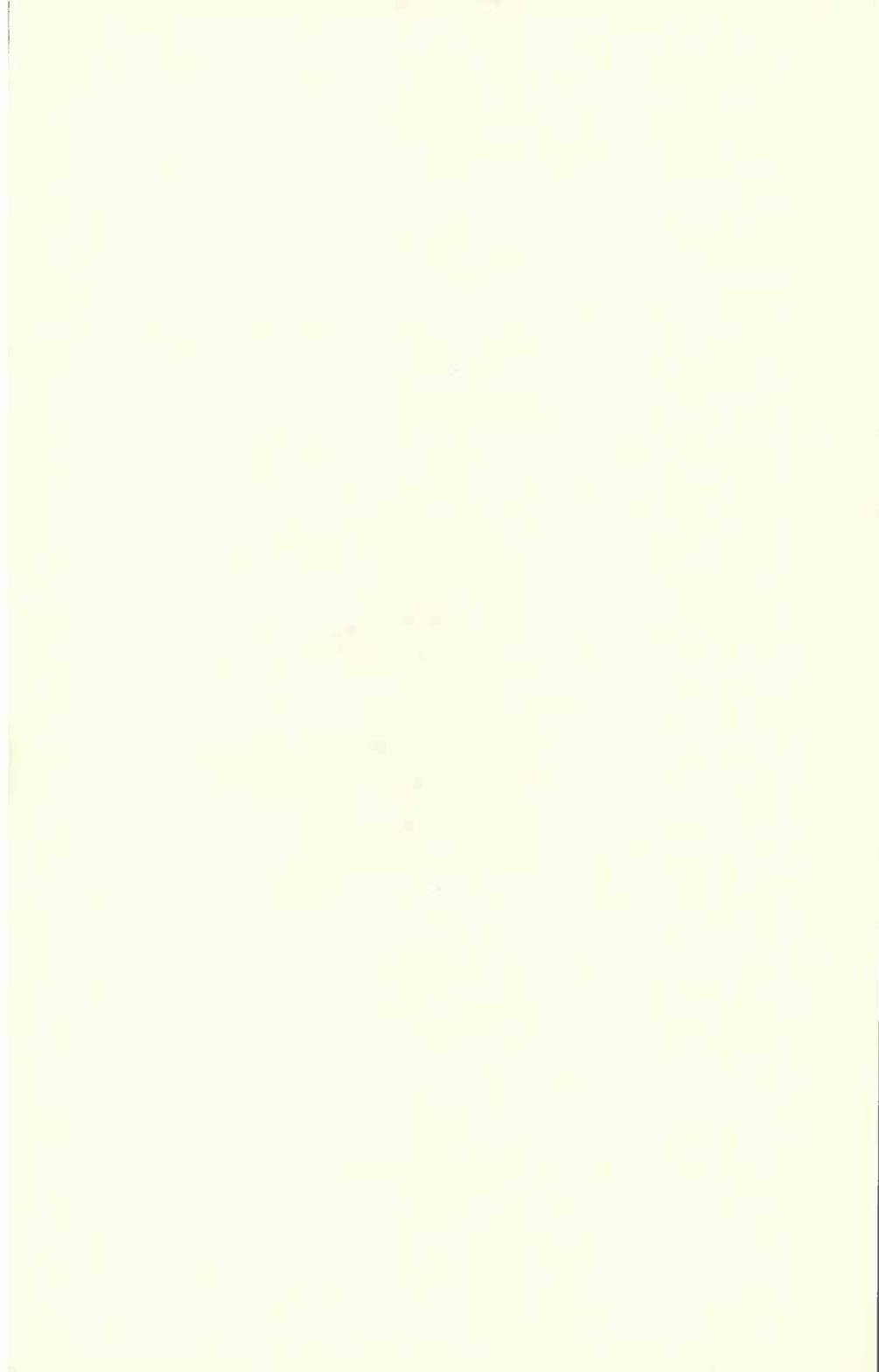
Forma e alumbramento — poética e poesia em Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: José Olympio/Academia Brasileira de Letras, 2004.

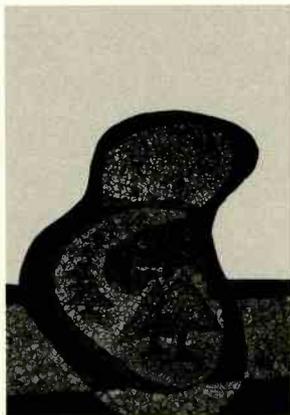


Índice

- 9 1. A CASA DOS NOVE PINHEIROS
- 11 A casa dos nove pinheiros.
- 13 Condição
- 19 Canção de aniversário
- 20 Um de nós
- 22 Canção de juventude
- 24 *Fugit irreparabile tempus*
- 26 Dentro da noite
- 31 Celebração
- 32 De uma forma ou de outra
- 33 Pensamentos
- 35 Uma história
- 40 Nada
- 42 Conversa com Francisco Otaviano
- 49 Rosa
- 51 Outra vida
- 53 Encanto
- 56 Trovões
- 57 De súbito, do nada, uma carta
- 62 Soneto da tempestade
- 63 Passarinhos
- 66 Chuvas
- 68 Moradas
- 70 Voz
- 72 Alento
- 73 Talvez
- 74 Súbita canção da névoa
- 75 Soneto do sonho

76	Visitas
77	Passageiros
82	Varanda
84	Atores
85	2. VIAGEM
87	Plínio o Velho e a nuvem misteriosa segundo Plínio o Moço e uma análise de Umberto Eco com breves considerações finais de um poeta seguramente <i>persona non grata</i>
94	Pompeia
97	Atena
99	Auriga
101	Apolo
103	Pítia
105	Pã
108	Dádivas
109	Dr. Munthe
115	Veneza
117	Ele
119	Versailles
122	Louvre
124	Catacumba
127	Soneto helênico oudo infindável
128	Depois
137	CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE RUY ESPINHEIRA FILHO
145	DO AUTOR





Este livro foi impresso pela Graphium
sobre papel Pólen 80 g/m²,
para a Dobra Editorial, em setembro de 2012.



à guerra — SP: Contexto, novela juvenil, 1987), finalista do Jabuti 2002 (*Tumulto de amor e outros tumultos — criação e arte em Mário de*

Andrade. RJ: Record, ensaio literário, 2001), e, com romances (*Um rio corre na Lua*. BH: Leitura, 2007 e *De paixões e de vampiros — uma história do tempo da Era*. RJ: Bertrand Brasil, 2008), mais duas vezes indicado ao Prêmio Portugal Telecom (2008 e 2009). Além das obras individuais, que já ultrapassam os 30 títulos, Ruy tem poemas e contos publicados nas principais antologias brasileiras e em Portugal, na Espanha, na Itália, na França e nos Estados Unidos. Com *A casa dos nove pinheiros*, completa 39 anos de publicações em livro e 70 de idade.

Um dos maiores poetas líricos brasileiros da segunda metade do século XX, Ruy Espinheira Filho (1942) mantém uma linha coerente e ascendente de *Heléboro*, editado em 1974, até títulos fundamentais como *Memória da chuva*, de 1996, ou *Elegia de agosto*, de 2005 (...). O tema central de sua obra, toda vazada em versos de uma musicalidade precisa e perfeitamente brasileira, com um uso mais que sábio dos hiatos, é, no entanto, a questão da memória, que tangencia a do tempo e, portanto, a do ser. Sob esse aspecto a obra de Ruy Espinheira é majoritariamente composta por uma poesia de meditação ontológica, nascida dessa estupefação que domina todo homem pensante ao constatar o caráter inapreensível do seu próprio ser, a impermanência universal, a redução de tudo à memória, essa forma paradoxal de permanecer e inexistir ao mesmo tempo. Trata-se, por excelência, do poeta da memória na poesia brasileira contemporânea, tema explorado ao mesmo tempo com agudeza de pensamento e com a necessária transmutação lírica (...)

Alexei Bueno – *Uma história da poesia brasileira*.
RJ. G. Ermakoff, 2007.

(...) um dos mais importantes poetas líricos brasileiros da modernidade (...) Desde o início de sua vida editorial, em 1973, Ruy Espinheira se destaca como uma voz à parte, praticando a poesia contra a passagem do tempo. Ao poeta cabe uma atividade das mais difíceis, que é transformar os vazios existenciais em obra de arte, em uma tentativa de plenitude. (...) O seu verbo é calmo, forjando uma voz melancólica mas estranhamente pacificadora, que nos leva a viver o perdido, a sofrer com ele, mas também a participar de sua redenção.

Miguel Sanches Neto – *Tempo inteiro*. *Gazeta do Povo*,
Curitiba, 22/01/2012.

